

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS EM PORTUGUÊS:
FORMA E FUNÇÃO

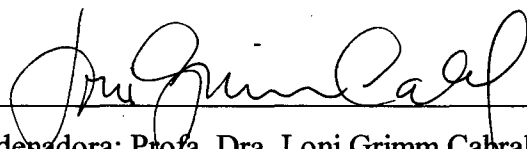
ISAUR MARIA LONGO NAUMANN

Florianópolis

1996

CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS EM PORTUGUÊS: FORMA E FUNÇÃO

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/ Lingüística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.



Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

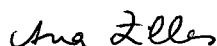


Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)

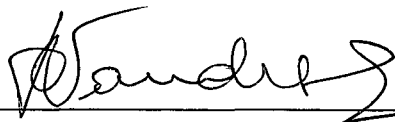
Banca Examinadora:



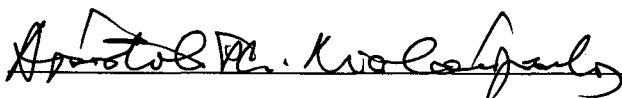
Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)



Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles (UFRS/RS)



Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)



Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulus (UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS EM PORTUGUÊS:
FORMA E FUNÇÃO

ISAURA MARIA LONGO NAUMANN

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Florianópolis

1996

MEUS AGRADECIMENTOS

À professora Edair Gorski pela orientação, compreensão e amizade constantes;

À professora Ana Maria S. Zilles pelas sugestões e esclarecimentos;

Aos participantes do Projeto VARSUL/UFSC, especialmente ao professor Paulino Vandresen pelo apoio constante;

À Marisa Fernandes pelo auxílio no uso do VARBRUL;

À Suzana Rocha pela sua ajuda sempre presente;

À Cristina Herold pela acolhida;

À CAPES pela concessão da bolsa;

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho pudesse ser realizado.

DEDICATÓRIA

A Alceu

A Nathalia e a Rodolfo

Dedico este trabalho.

SUMÁRIO

Lista de tabelas	
Resumo	
Abstract.....	
Introdução	1
1. Objeto de estudo	3
1.1. Caracterização do fenômeno	3
1.2. Objetivos	5
1.3. Principais questões e hipóteses	6
2. Pressupostos teóricos	8
Preliminares	8
2.1. Concepção funcionalista de gramática	9
2.2. Princípios funcionalistas	13
2.2.1. Princípio da marcação.....	13
2.2.2 Princípio da iconicidade	14
2.3. Propriedades funcionais do discurso	17
2.3.1. Informatividade	18
2.3.2. A topicidade	23
3. Procedimentos metodológicos	25
3.1. Caracterização do <i>corpus</i>	25
3.2. Os dados em análise	25
3.3. Tratamento dos dados	28
3.4. Variáveis independentes	30

4. Estrutura argumental preferida em construções bi-transitivas no português.....	32
Preliminares	32
4.1. Referencial teórico	32
4.2. Caracterização das variáveis	35
4.3. Descrição e análise dos resultados	36
4.3.1. Distribuição da estrutura do SV em construções bi-transitivas	37
4.3.2. Traço sintático dos constituintes	39
4.3.3. Traços semânticos dos constituintes.....	41
4.3.4. Status informacional dos constituintes	43
4.3.5. Peso dos constituintes	45
4.4. Conclusões parciais	46
5. Ordenação do OI em construções bi-transitivas no português	48
Preliminares.....	48
5.1. Construções de topicalização	48
5.1.1. Referencial teórico.....	49
5.1.2. Caracterização das variáveis	52
5.1.3. Descrição e análise dos resultados	53
5.1.3.1. Pessoa do OI	53
5.1.3.2. Forma do OI	55
5.1.3.3. Peso do OI	56
5.1.3.4. Tipo de verbo	57
5.1.3.5. Fatores sociais	60
5.1.4. Conclusões parciais	62
5.2. A promoção do OI em construções bi-transitivas no português.....	64
Preliminares	64
5.2.1. Referencial teórico	64
5.2.2. Caracterização das variáveis	69
5.2.3. Descrição e análise dos resultados	70
5.2.3.1. Traços semânticos	73
5.2.3.2. Traço sintático	75
5.2.3.3. Peso do constituinte	77

5.2.3.4. Status informacional	79
5.2.3.5. Pessoa do OI	81
5.2.3.6. Tipo de verbo	82
5.2.4. Conclusões parciais	83
5.3. Acessibilidade e importância: parâmetros cognitivos para medir a ordenação do OI.....	87
Preliminares	87
5.3.1. Referencial teórico	88
5.3.2. Caracterização das variáveis	92
5.3.3. Descrição e análise dos resultados	97
5.3.3.1. Distância referencial e apagamento do OD e OI.....	97
5.3.3.2. Distância referencial/persistência tópica e topicalização do OI	98
5.3.3.3. Distância referencial/persistência tópica e posição do OD e do OI.....	103
5.3.4. Conclusões parciais	105
6. Considerações finais	106
7. Referências bibliográficas.....	110

LISTA DE TABELAS

TABELAS para “Estrutura Argumental Preferida em Construções Bi-transitivas no Português”

TABELA 1 - Distribuição da estrutura do SV em construções bi-transitivas.....	37
TABELA 2 - Distribuição de todos os tipos de estrutura	38
TABELA 3 - Traço sintático do OD e do OI em construções bi-transitivas	39
TABELA 4 - Traço sintático do OD e do OI nas diferentes estruturas	41
TABELA 5 - Traço semântico do OD (expresso e apagado) nas diferentes estruturas.....	42
TABELA 6 - Status informacional do OD e do OI	43
TABELA 7 - Status informacional do OD e do OI nas diferentes estruturas	44
TABELA 8 - Peso do OD e do OI nas diferentes estruturas	45

TABELAS para “Construções Bi-transitivas”

TABELA 9 - Pessoa do OI e topicalização.....	53
TABELA 10 - Pessoa do OI e topicalização (com dados oracionais)	54
TABELA 11- Forma do OI e topicalização	55
TABELA 12 - Forma do OI e topicalização (com dados oracionais)	55
TABELA 13 - Peso do OD e topicalização do OI	56
TABELA 14 - Tipo de verbo e topicalização do OI	57
TABELA 15 - Cruzamento entre tipos de verbo e formas do OI para topicalização	59
TABELA 16 - Topicalização do OI e escolaridade	60
TABELA 17 - Topicalização e cruzamento entre escolaridade e pessoa do OI	61
TABELA 18 - Topicalização e cruzamento entre escolaridade e forma do OI	61

TABELAS para “A Promoção do OI em Construções Bi-transitivas no Português”

TABELA 19 - Distribuição das ocorrências - OI promovido x OI não-promovido	70
TABELA 20 - Distribuição das ocorrências - OI promovido x não-promovido (sem OD oracional)	71
TABELA 21- Traço semântico do constituinte imediatamente pós-verbal	73
TABELA 22- Traço semântico do OD	74
TABELA 23- Traço sintático do constituinte imediatamente pós-verbal	75
TABELA 24 - Traço sintático dos constituintes	75
TABELA 25 - Peso do constituinte imediatamente pós-verbal	77
TABELA 26 - Peso dos constituintes (com orações)	78
TABELA 27 - Status informacional do constituinte imediatamente pós-verbal	79
TABELA 28- Status informacional dos constituintes	80
TABELA 29 - Pessoa do OI	81
TABELA 30 - Tipo de verbo das estruturas bi-transitivas (sem orações)	82

TABELAS para “Acessibilidade e Importância: parâmetros cognitivos para medir a ordenação do OI”

TABELA 31 - Distância referencial e apagamento do OD e do OI	98
TABELA 32 - Distância referencial e topicalização do OI	99
TABELA 33 - Cruzamento entre distância referencial e pessoa do OI para topicalização.....	99
TABELA 34 - Persistência do tópico e topicalização do OI	101
TABELA 35 - Cruzamento entre persistência do tópico e pessoa do OI para topicalização	101
TABELA 36 - Topicalização do OI em dados de 1ª menção referencial	103
TABELA 37 - Cruzamento entre persistência do tópico e 1ª menção do OI para topicalização	104

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as construções bi-transitivas no português falado. Sob uma ótica funcionalista, investigamos a ordenação dos constituintes, principalmente a ordenação do OI, buscando identificar as formas de codificação e as funções discursivas que desempenham os participantes (OD-OI) presentes nessas construções. Foram controlados fatores lingüísticos de natureza sintática, semântica e discursiva, os quais mostraram-se significativamente atuantes no fenômeno em foco.

Para análise do fenômeno utilizamos o banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL). O *corpus* é composto de 16 entrevistas de informantes da cidade de Florianópolis, com controle dos fatores sociais sexo, nível de escolaridade e faixa etária.

Verificou-se que as construções bi-transitivas caracterizam-se por apresentar predominantemente a ordem V-OD-OI, com ambos participantes expressos, o primeiro na forma de SN pleno, [- concreto], [- animado] e o segundo na forma pronominal, [+ animado]; os casos de apagamento são mais freqüentes com o OI. O deslocamento do OI para a esquerda, em construções de topicalização, ocorre preferencialmente com referentes de primeira pessoa, caso em que se verifica uma freqüência alta do pronome átono *me* proclítico. Referentes de terceira pessoa, por sua vez, comportam-se como restrição à topicalização do OI. Já ODs oracionais levam categoricamente à promoção daquele constituinte.

ABSTRACT

This study has as its object the bi-transitive constructions of the spoken Portuguese. From a functionalist standpoint, we have examined the word order, chiefly the IO order, in an attempt to identify the forms of codification and the discursive roles played by the participants (DO-IO) existing in these constructions. Linguistics factors of syntactical, semantical, and discursive sources were controlled, such factors being significantly active on the phenomenon in question.

For the analysis of the phenomenon we make use of a database of the Southern Urban Linguistic Variation Project (VARSUL). The *corpus* is composed of 16 interviews with informers from the city of Florianópolis, controlling the social elements of sex, degree of study, and age.

We found that the bi-transitive constructions predominantly show the V-DO-IO order, with both participants represented, the first in the full SN form, [- concrete], [- animated] and the second in the pronominal form, [+ animated]; the extinction is more frequent with the IO. The shift of the IO to the left, in topicalization construction, occurs mainly with first person referents, in which case we verify a high frequency of the unaccented proclitic *me*. Third person referents, in turn, limit the topicalization of the IO. On the other hand, the sentential DOs categorically lead to the promotion of the IO.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca investigar as construções bi-transitivas no português falado em Florianópolis, focalizando sua forma e função, com especial atenção à ordenação do objeto indireto. Em português essas construções caracterizam-se por apresentar dois constituintes no sintagma verbal, um Objeto Direto (OD) e um Objeto Indireto (OI), ordenados canonicamente como V-OD-OI.

O fenômeno lingüístico em análise é visto como resultante de um complexo de motivações de base comunicativa, cognitiva e gramatical (Givón, 1990; 1993), o que caracteriza um estudo dentro da linha funcionalista.

A ordenação dos constituintes na cláusula sempre foi alvo de estudo dentro das pesquisas lingüísticas, por isso acreditamos que este trabalho possa, de uma maneira ou de outra, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa lingüística, na medida em que busca investigar o comportamento das construções bi-transitivas, com especial atenção à ordenação do OI. Não menos importante é a busca de comparação entre os nossos resultados em língua portuguesa com estudos já feitos em outras línguas sobre o mesmo fenômeno. Além disso, a tentativa de apreender os motivos que levam um falante a se expressar de determinada forma, também não deixa de ser relevante.

Em linhas gerais, a pesquisa está organizada da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, delineamos o objeto de estudo, fazendo menção às diversas possibilidades de ordenação do OI em construções bi-transitivas, bem como aos objetivos e às principais questões e hipóteses consideradas nessa investigação.

No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos dessa pesquisa, com especial enfoque para a concepção funcionalista de gramática e os princípios funcionalistas. São apresentadas também algumas propriedades funcionais do discurso como informatividade e topicidade. Em cada capítulo subsequente as questões teóricas são retomadas quando pertinentes.

No terceiro capítulo , descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a apreensão do fenômeno em análise, apresentando a caracterização do *corpus*, os dados em análise e o tratamento dado a eles. No último item desse capítulo, tratamos das variáveis independentes.

No quarto capítulo, são discutidos os resultados relativos à estrutura argumental preferida em construções bi-transitivas no português, com apresentação de algumas conclusões parciais.

O quinto capítulo intitulado ‘Ordenação do OI em construções bi-transitivas no português’ está subdividido em três seções: uma destinada às construções de topicalização; outra à promoção do OI (*dative shifting*) e, por último, uma seção específica sobre os parâmetros cognitivos acessibilidade referencial e importância temática.

No sexto capítulo, apresentamos as considerações finais. Por fim, colocamos as referências bibliográficas.

1. O OBJETO DE ESTUDO

1.1. Caracterização do fenômeno

Conforme Givón (1993:120-1) as construções bi-transitivas prototípicas são as que codificam eventos nos quais um agente deliberado (sujeito) causa o movimento do paciente (objeto direto) relativamente a alguma localização (objeto indireto):

John put the book on the table.

As construções com OI dativo codificam eventos que mostram uma transação mais abstrata, em que um agente faz com que um paciente metaforicamente mova-se *para* ou *do* OI, que passa a ser metaforicamente uma localização, já que é comumente um participante humano. Muitos verbos bi-transitivos deste grupo apresentam um padrão sintático alternativo, em que o objeto dativo é promovido ao papel gramatical de objeto direto, enquanto o paciente é demovido e colocado no final da cláusula:

She gave the book to him.

She gave him the book.

O padrão sintático desses verbos pode ser visto como uma extensão metafórica do protótipo bi-transitivo locativo. Em alguns deles como ‘dar’, ‘mandar’, ‘trazer’, o sentido de movimentação física permanece. Em outros, como ‘prometer’, ‘mostrar’, ‘dizer’, ‘ensinar’, a mudança metafórica é mais aparente. Há, porém, expansão metafórica em casos como:

Aí eu fui lá dar vacina nela. (FLP 20, L 125)

(...) que a mãe não dava uma surra na gente. (FLP 18, 1148)

Nesse trabalho focalizaremos nossa atenção nessas construções, isto é, em construções bi-transitivas nas quais aparece um dativo receptor beneficiário/malefeciário da ação, mais animado.

Após a coleta de alguns dados, constatamos que em língua portuguesa várias são as possibilidades de codificação das construções bi-transitivas, desde a presença dos dois argumentos antes e/ou depois do verbo até o apagamento total de ambos os constituintes. Os exemplos abaixo ilustram algumas possibilidades de ordenação do OD e OI encontradas na amostra:

(a) (V-OD-OI) (...) *eu depois ganhei um presente dele.* (FLP 17, L 776)

(b) (V-OI-OD) (...) e isso aí geralmente dava *à criança uma participação mais completa* na escola. (FLP 21, L 1126)

(c) (OI-SUJ-V-OD) *Às minhas primas mais velhas*, eu dava *a benção.* (FLP 08, L 894)

(d) (V-OD-Ø) A gente dava *o banho*, dava *um purgante.* (FLP 08, L 568)

(e) (V-OI-Ø) (...) E, na época, quem arrumou *pra mim* no Maia, foi o Nelson. (FLP 04, L825)

(f) (V-Ø-Ø) (...) eram pobres, não podiam dar. (FLP 07, L 832)

(g) (OI-V-OD) tu podias *me dar até um cheque pré-datado.* (FLP 07, L 881)

(h) (OI-V-OD-OI)(...) não que você tivesse *me trazido o problema pra mim.* (FLP 04, L 1133)

Diante da diversidade de ordenações e de formas de codificação encontradas, muitos questionamentos foram surgindo e percebemos que o fenômeno não era tão simples quanto parecia, merecendo uma observação mais criteriosa. Que fatores estariam motivando o deslocamento do OI para posições pré e pós verbal? Seria a natureza semântica dos participantes/argumentos que estariam influenciando na variação da ordem? O que motivaria o falante a apagar um ou outro constituinte? Seriam eles tão dispensáveis à compreensão do texto a ponto de se poder apagá-los totalmente?

Na tentativa de organizar as inúmeras perguntas que surgiram propomo-nos a descrever esse universo de possibilidades buscando explicações de ordem sintático-semântico-discursiva. Talvez não só fatores sintáticos estariam atuando sobre a escolha feita pelo falante, mas também variáveis discursivas e semânticas estariam influenciando as várias estratégias de codificação e ordenação do OD e do OI na estrutura frasal. A partir daí traçamos alguns objetivos.

1.2. Objetivos

Nossa meta, a princípio, restringia-se a observar as construções bi-transitivas focalizando principalmente um tipo de topicalização do OI, ou seja, o fenômeno denominado *dative shifting* (promoção do OI para o lugar do OD) com o intuito de comparar nossos resultados com aqueles encontrados em outras línguas, especialmente no inglês. Posteriormente, dada a amplitude do fenômeno, decidimos:

(A) descrever a estrutura das construções sintaticamente bi-transitivas no português falado em Florianópolis, considerando a forma e a ordenação dos constituintes na cláusula. Essa meta não só exigia a análise de enunciados em que estivessem presentes os dois constituintes, mas também de construções em que um e/ou outro estivesse apagado. Daí o levantamento de todas as estruturas presentes nos dados;

(B) caracterizar os contextos de ocorrência do OI na cláusula, determinando as motivações e/ou restrições que orientam sua topicalização/promoção;

(C) verificar em que medida a promoção do OI em língua portuguesa é orientada pelos mesmos princípios que regem o *dative shifting* em outras línguas. Nesse contexto o OI é promovido para a posição de tópico secundário e o OD, conseqüentemente, é demovido para o final da cláusula;

(D) explicar os diferentes tipos de ordenação sob uma ótica funcionalista. O que seria, no mínimo, concordar com a existência de motivações sintático-semântico-

discursivas atuando e, simultaneamente, competindo nos contextos de ocorrência do OI e suas diferentes formas de expressão.

1.3. Principais questões e hipóteses

Entre algumas questões levantadas para análise dos diversos comportamentos do OI e à luz de estudos já feitos por alguns pesquisadores, interessou-nos buscar respostas para as seguintes perguntas:

(1) Qual a estrutura “preferida” para a codificação sintática das construções bi-transitivas no português falado em Florianópolis?

Fomos buscar em DuBois (1984; 1987) as referências para afirmar hipoteticamente que a estrutura preferida para construções bi-transitivas no português seria a codificação de verbo (V) acompanhado de um argumento expreso e outro apagado.

(2) Que fatores motivam e restringem a topicalização/promoção do OI na estrutura frasal?

Nossa hipótese é de que a topicalização/promoção do OI em português é orientada pelos parâmetros que constituem o princípio pragmático da ordem linear; os estudos de Givón (1988;1993;1995) servem de base para a busca dessa possível resposta. No caso específico da promoção do OI, devem se constituir em restrições à promoção do OI os traços de topicidade ([+ animado], [+ pronominal], [+ concreto], [+ curto], [+ dado]) associados ao paciente/OD; aqui, a referência para análise teve como base os trabalhos de Givón e Thompson.

Quantos aos fatores sociais, nossa hipótese é a de que os indivíduos menos instruídos topicalizam mais o OI do que aqueles mais instruídos. Esses usam mais a forma

canônica (V-OD-OI) por ter um grau de escolaridade maior. Não temos expectativas a respeito dos fatores idade e sexo dos informantes.

(3) Como se caracteriza o participante que ocupa a posição argumental mais à esquerda na cláusula?

Nosso pressuposto, a partir de Givón (1988; 1993; 1995) e de Thompson (1988), é de que a ordenação dos complementos de verbos bi-transitivos é discursivamente motivada em português. A *posição* mais à esquerda é preferencialmente ocupada pelo referente que se caracteriza positivamente quanto aos seguintes traços: continuidade/recorrência, acessibilidade (retomada anafórica), importância temática (persistência catafórica), informação dada/velha, pouco material fônico, traço [+ animado] e forma pronominal.

(4) O fenômeno investigado pode ser adequadamente explicado por uma teoria funcionalista?

Acreditamos que o quadro teórico do funcionalismo, representado especialmente por Givón, Thompson e DuBois, possa oferecer elementos para uma explanação adequada do fenômeno.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Preliminares

Esta pesquisa segue uma orientação teórica de cunho funcionalista na linha de investigação desenvolvida por Givón (1988; 1990; 1993; 1995), Prince (1981), DuBois (1984; 1987), Thompson (1988), entre outros. Essa tendência está centrada em aspectos da coerência discursiva, do processamento das informações e de mecanismos de origem cognitiva, discursiva e estrutural aí envolvidos. A língua, para os funcionalistas, é um fenômeno social, vinculado ao contexto em que é utilizada e às finalidades a que se propõe. Portanto, os fenômenos linguísticos são capturados e explicados tendo como base a situação comunicativa.

Os fundamentos teóricos deste trabalho são apresentados da seguinte forma: primeiramente, abordamos a concepção funcionalista de gramática. Em seguida, apontamos os princípios pertinentes a essa teoria, bem como as principais propriedades funcionais do discurso. Damos ênfase às propriedades de informatividade e topicidade em decorrência de sua importância para este trabalho. A informatividade é focalizada através dos estudos de Prince (1981), DuBois (1984) e Gorski (1985) e a topicidade, através dos estudos de Givón (1988; 1990; 1993; 1995). Nessa última, abordamos as construções de topicalização, especialmente a promoção do OI para o lugar do OD (*dative shifting*).

Salientamos que, nesta primeira seção, apresentamos uma visão panorâmica dos pressupostos teóricos que servem de suporte a essa pesquisa. Em cada etapa do trabalho as questões teóricas pertinentes àquela seção serão retomadas e aprofundadas.

2.1. Concepção funcionalista de gramática

O modelo teórico proposto por Talmy Givón (1993) busca observar a linguagem a partir do contexto de seu uso e objetiva explicar a sintaxe com base na situação comunicativa. Dessa maneira, a língua é vista como maleável e determinada pelas funções a que se destina, ao mesmo tempo em que está sujeita às mudanças impostas ou oferecidas pelo contexto interativo, o que significa dizer que

nada é produzido livremente, no sentido de que cada expressão formulada é depositária de um conjunto de características tais que fazem com que dê conta de determinado conteúdo, e de determinadas qualidades que os interlocutores conferem a esse conteúdo (Votre, 1992: 33).

Givón (1993:21) acredita na existência de uma gramática para a comunicação. Segundo ele, a contribuição principal de uma gramática está na função de processamento da informação em termos de codificação mental e comunicação verbal. A língua, neste caso, envolve três domínios funcionais concêntricamente arranjados, quais sejam:

<i>nível da codificação</i>	<i>nível da mensagem</i>
palavra	significado lexical
oração	informação proposicional Gramática
discurso	coerência textual

Vejamos como Givón (1993: 22) define esses três níveis funcionais da língua: ¹

Palavras codificam conceitos de entidades, portanto, têm significado. Tais entidades podem fazer parte de nossa experiência de mundo real externo - acessível a todos os membros da espécie humana, podem fazer parte de um mundo mental interno - acessível somente a cada pessoa, e podem fazer parte de nosso universo cultural socialmente negociado, dentro do qual construímos tanto as entidades externas e internas, como os costumes, as instituições, as interpretações, etc. **Orações**, por sua vez, codificam proposições. Uma proposição combina conceitos (palavras) em informação sobre relações, qualidades, estados ou eventos nos quais as entidades participam. Tais proposições refletem de algum modo nosso mundo externo, mundo interno e nosso mundo cultural. Enquanto isso, o **discurso** codifica proposições individuais

¹ As traduções das citações desta dissertação são minhas.

combinadas em comunicação coerente ou texto coerente. O discurso é predominantemente multi-proposicional e sua coerência é uma propriedade que transcende os limites de proposições isoladas.

Enquanto os conceitos são codificados em palavras, através de sons, a gramática é o instrumento usado para codificar, articuladamente, os dois outros domínios funcionais: a informação proposicional em oração e a coerência textual das orações em seu contexto discursivo. Assim, a estrutura sintática de cada oração num discurso coerente é o resultado da junção de alguns subcomponentes usados primariamente para codificar a informação proposicional associada à oração e outros subcomponentes usados primariamente para codificar a função pragmático-discursiva da oração, ou seja, sua função comunicativa, sua coerência dentro do texto². Nesse contexto onde a sintaxe é usada para codificar dois domínios funcionais distintos, uma certa competição se faz presente, ou seja, alguns elementos da estrutura gramatical podem codificar mais exigências de um domínio do que de outro e vice-versa.

Em decorrência dessa forma de abordagem, surge um conceito diferenciado de gramática, que segundo Givón (1993: 01)

não é um conjunto de regras rígidas que devem ser seguidas para produzir sentenças gramaticais. Gramática é um conjunto de estratégias empregadas para produzir uma comunicação coerente.

Nesse contexto, a gramática não é vista como autônoma, mas é o resultado de um fenômeno de gramaticalização (ou regularização), em que construções inicialmente motivadas pela interação comunicativa vão, com o passar do tempo, se padronizando até se cristalizarem em estruturas gramaticas não-motivadas ou aparentemente mais arbitrárias. Quando regularizam, essas formas entram em competição com outras discursivamente motivadas e geram o que DuBois (1984; 1987) chama de “motivações em competição”. Segundo este autor, a organização da linguagem surge de um jogo competitivo entre forças internas e externas ao sistema, ou seja, ora a língua se comporta de determinado modo por motivações do próprio sistema, ora ela se comporta de outra maneira por motivações contextuais geradas da necessidade que os interlocutores têm de se comunicar. A essa

² Nesta dissertação não estabelecemos distinção entre texto e discurso.

relação de interação sistemática entre tais motivações DuBois denominou de “competing motivations” (motivações em competição).

A postura de DuBois, ao considerar a gramática como um sistema adaptativo, parcialmente autônomo e parcialmente motivado por pressões externas, converge com o pensamento de Givón. Esse autor também admite, como já mencionamos, a existência de forças estruturais operando conjuntamente com motivações discursivas. Portanto, tanto para DuBois quanto para Givón as mutações lingüísticas decorrem da interação de influências internas (sistema gramatical) e externas (discursivas).

Nessa perspectiva, o uso da língua na comunicação é compreendido através de correlações estabelecidas entre os mecanismos gramaticais e os contextos discursivos em que aqueles aparecem. Assim, os estudos gramaticais extrapolam o nível da frase e passam a ser analisados no âmbito do texto, o que envolve um universo discursivo muito mais amplo e complexo. Complexo, pois subjacente à gramática-no-texto, existe a mente usando a gramática e processando textos. A gramática, dessa maneira, é vista como instruções de processamento mental (1991: 07) ³.

De acordo com a concepção givoniana de gramática, há três mecanismos básicos de codificação da estrutura sintática: ordem das palavras, morfologia gramatical/flexional e padrões entoacionais - acrescidos de um elemento mais abstrato constituído pelas restrições.

³ Gorski (1994: 16-7) interpretando as idéias de Givón coloca que *no comportamento comunicativo a gramática não interage diretamente com o texto: tanto uma quanto o outro, bem como a relação entre ambos, tem sua origem na mente. Do ponto de vista do falante, a gramática é desdobrada pela mente que, por sua vez, produz o texto. Do ponto de vista do ouvinte, a gramática aciona a mente que, por sua vez interpreta o texto. Neste caso, mecanismos gramaticais de codificação detonam operações específicas na mente do ouvinte envolvendo basicamente os domínios da atenção e da busca da memória.*

No que tange à ordem das palavras, nosso objeto de estudo, sabemos que, em todas as línguas, a disposição das palavras no discurso é linear, seqüencial. No entanto, certos princípios sintáticos e pragmáticos existentes nas línguas fazem com que essa disposição não aconteça de forma aleatória e restringem os tipos de combinações possíveis para que as mensagens sejam adequadamente interpretadas e contextualizadas. Enquanto as restrições sintáticas operam em nível intra-sentencial, as restrições pragmáticas operam basicamente em nível intersentencial, relacionando cada enunciado com o que o precede e o sucede no discurso ⁴.

Considerando esses princípios, Givón (1989) passa a distinguir a sintaxe da sentença da sintaxe do discurso. Ao considerar o caráter multiproposicional da comunicação humana, o autor argumenta que os estudos sintáticos que se concentram no significado e na estrutura das sentenças isoladas, portanto desvinculados do contexto comunicativo, não são suficientes para descrever as relações que se estabelecem entre as proposições codificadas através das sentenças que integram o discurso. Para ele, a escolha da maioria dos recursos gramaticais são controlados pelo contexto discursivo imediato e pelo contexto temático geral (*apud* Zilles, 1992: 17).

Ao interpretar as idéias de Givón, Zilles (1992:18) destaca:

*De um lado, portanto, o estudo **intra-sentencial** identifica as estruturas possíveis, mas não revela nada sobre o contexto e o propósito de sua utilização, nem sobre a frequência com que ocorrem em comparação com outras construções que aparentemente desempenham funções similares.*

*De outro lado, a investigação **intersentencial**, que freqüentemente envolve análise quantitativa e estatística do uso de recursos sintáticos, é condição necessária para a descoberta das condições discursivas nas quais as estruturas e regras sintáticas se aplicam.*

Focalizando o estudo lingüístico por esse prisma, as regras sintáticas e as regras pragmático-discursivas passam a atuar simultaneamente no discurso: as primeiras, definindo as combinações possíveis nas línguas; as segundas, definindo o uso das diversas ordens

⁴Segundo Zilles (1992: 18), os princípios pragmáticos só podem ser observados e estudados a partir do **discurso**, definido como uma seqüência multiproposicional que ocorre numa interação comunicativa entre falante e ouvinte, num dado contexto situacional em função de uma intenção comunicativa.

possíveis, em função das interrelações discursivas a que visa o falante (op. cit.). Ao atuarem simultaneamente no discurso, essas regras estabelecem múltiplas relações entre as funções sintáticas (sujeito e predicado, por exemplo) e funções pragmáticas (tópico e comentário, informação dada e informação nova, etc).

É na tentativa de abranger os fatores que motivam a escolha de uma dentre várias ordenações em cada contexto discursivo que Givón (1993) busca uma abordagem que interrelacione sintaxe e discurso. Para ele, são as intenções do falante, o contexto lingüístico e situacional, o ouvinte e o tipo de discurso envolvido que motivam as escolhas dos falantes na organização da seqüência discursiva. Essas motivações são as funções pragmático-discursivas associadas aos recursos de codificação (cf. Zilles 1992).

2.2. Princípios funcionalistas

A partir dessa visão de língua, Givón formula dois princípios que vão nortear a teoria funcionalista. São eles: *o princípio da marcação* e *o princípio da iconicidade* (Givón, 1990; 1993).

2.2.1. Princípio da marcação

Segundo Givón (1991b: 106) "categorias que são *cognitivamente* marcadas, isto é, complexas - tendem a ser também *estruturalmente* marcadas." Assim, *a noção de marcação*, na perspectiva funcional, traz consigo uma relação sistemática entre complexidade estrutural e cognitiva.

Uma construção marcada tende a ser distribucionalmente menos freqüente no discurso e estruturalmente e cognitivamente mais complexa, no sentido de exigir maior atenção, esforço mental e mais tempo de processamento por parte do falante. Conforme o autor, a marcação não é absoluta, ou seja, um item que aparece como marcado em um contexto pode apresentar-se como não-marcado em outro.

Três são os critérios apresentados por Givón para trabalhar a marcação (1990: 947-8):

- (a) **Complexidade estrutural** - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- (b) **Distribuição de frequência** - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não- marcada.
- (c) **Complexidade cognitiva** - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento, do que a não-marcada.

2.2.2 Princípio da iconicidade

O *princípio da iconicidade*, em sua versão mais radical, considera que na codificação linguística há uma relação de um-para-um entre função e forma, sendo essa relação motivada e não arbitrária, ao mesmo tempo em que é assimétrica no sentido de que a função determina a forma, mas não o contrário (cf. Votre, 1992:59).

Givón (1990), todavia, admite a existência de certas regularidades de uso para as quais não encontra motivação discursiva. Ao modalizar, o autor afirma que na sua origem há uma relação icônica entre função e forma, porém numa perspectiva sincrônica muitas vezes se perde essa transparência entre função e forma, estabelecendo-se aí uma relação arbitrária. Dessa maneira, ele admite que há o princípio da iconicidade operando, mas que, por outro lado, também há forças estruturais operando, o que mostra a interação de ambas as forças.

O princípio da iconicidade se manifesta em três subprincípios que estão associados à quantidade de informação, ao grau de proximidade entre os constituintes e à ordenação sequencial desses mesmos constituintes, descritos da seguinte maneira (op.cit., p. 969-73)

(I) Princípio da quantidade

- (a) " Uma fatia maior de informação receberá uma fatia maior de codificação".
- (b) " Informação menos previsível receberá mais material de codificação".
- (c) " Informação mais importante receberá mais material de codificação".(p. 969)

Podemos observar que a base cognitiva desse princípio concentra-se nas áreas de atenção e esforço mental no que se refere ao processamento da informação. Explicitamente, esse princípio está presente, por exemplo, na forma de codificação dos referentes que podem apresentar a seguinte gradação: SN pleno > pronome > anáfora zero (ibidem).

(II) Princípio da proximidade

- (a) "Entidades que estão mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas mais próximas no nível da codificação, isto é, temporal ou espacialmente."
- (b) "Operadores serão colocados mais próximos, temporal ou espacialmente no nível da codificação, da unidade conceptual para a qual forem mais relevantes." (p. 970)

(III) Princípio da ordem seqüencial

Aqui há dois princípios envolvidos:

(A) Princípio semântico da ordem linear:

- (a) "A ordem das orações no discurso coerente tenderá a corresponder à ordem temporal de ocorrência dos eventos descritos". (p.971)

A base cognitiva do princípio semântico da ordem linear está em supor que a ativação de um conceito desencadeia a ativação de outros conceitos estreitamente relacionados. Dessa maneira, a codificação de conceitos temporalmente contíguos garantiria

uma rapidez no processamento da informação, rapidez essa garantida, por sua vez, pela ação associativa da memória. A codificação de cláusulas que representam causa > efeito pode exemplificar esse princípio (id.ibid).

(B) Princípio pragmático da ordem linear:

- (a) "Informação mais importante ou urgente tende a ser colocada primeiro no fluxo"
- (b) "Informação menos acessível ou menos previsível tende a ser colocada primeiro no fluxo". (p. 972)

Esse princípio centraliza-se na topicidade de referentes em relação à sua importância e acessibilidade. Segundo Givón, a informação menos previsível, menos acessível, tende a ser mais **urgente** do que a informação mais previsível e acessível. Por ser mais urgente, essa informação menos previsível e menos acessível demanda mais atenção por parte do interlocutor, o que a torna mais marcada no fluxo discursivo. Além disso, é o elemento inicial do fluxo que controla mais a atenção e é melhor memorizado. Dessa maneira, a posição inicial é a posição natural para codificar informação importante e imprevisível (1991 b:94).

Para medir a ordenação dos constituintes na oração e conseqüentemente seu grau de topicidade, Givón (1993:203) usa dois parâmetros associados ao referente: a acessibilidade referencial e a importância temática. O primeiro leva em consideração o julgamento do falante sobre quão acessível está o referente para o ouvinte, dado o contexto discursivo anafórico; o segundo leva em consideração o julgamento do falante a respeito de quão importante é o referente em termos do discurso catafórico. Dessa maneira, a seleção das estratégias de codificação do referente no fluxo do discurso depende desses julgamentos feitos pelo falante.

Oportunamente, o princípio pragmático da ordem linear e os parâmetros apontados acima serão mais detalhadamente trabalhados no capítulo 5.3.

2.3. Propriedades funcionais do discurso

As funções discursivas são determinantes do modo de embalar os referentes representados no enunciado e da estrutura do enunciado como um todo. Entre as propriedades que caracterizam funcionalmente um discurso organizado estão: informatividade (cf. Prince, 1981; DuBois, 1987; Gorski, 1985; 1991), topicidade (cf. Givón, 1990;1993), planos (figura/fundo) (cf. Hopper, 1979; Silveira, 1990) e transitividade (cf. Hopper & Thompson, 1980; Slobin, 1982; Silveira, 1990). Tais propriedades se manifestam concretamente na codificação gramatical, através de determinadas categorias operacionais. Nesse trabalho, restringimo-nos em analisar as construções bi-transitivas focalizando as propriedades informatividade e topicidade. Esquemáticamente teríamos (cf. Gorski, 1994: 48):

<i>Propriedades</i>		<i>Categorias operacionais</i>
informatividade	----->	status informacional, sintaxe de referência, ordenação
topicidade	----->	organização de tópicos/subtópicos, continuidade/descontinuidade, sintaxe de referência, ordenação

2.3.1. A informatividade

Um dos objetivos centrais do processo comunicativo reside em informar o interlocutor sobre alguma coisa⁵. Essa tarefa não é tão simples quanto parece. Nesse processo, com base essencialmente cognitiva, entram em jogo vários ingredientes como as intenções do falante, o conhecimento prévio do ouvinte sobre o assunto, as possíveis interpretações que ambos possam construir a partir do contexto situacional, enfim uma gama de fatores que vão interferir na organização do discurso e que vão determinar o sucesso do ato interativo. Como um de nossos objetivos é descrever as variações de ordenação do OI em construções bi-transitivas, não podemos ignorar como os constituintes do SV são introduzidos ou apresentados no fluxo do discurso e qual a influência disso nos movimentos que o OI possa fazer dentro ou fora do sintagma verbal; para isso uma análise mais sofisticada do status informacional se faz necessária.

A identificação do status informacional dos referentes no fluxo discursivo permitirá descobrir as estratégias de construção do texto oral, em termos de introdução de informações, de como essas informações se relacionam entre si e, conseqüentemente, da ordem em que se apresentam.

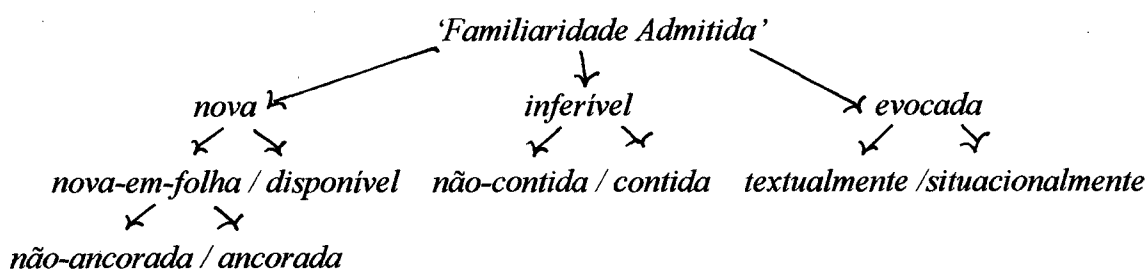
É nessa perspectiva que Prince (1981), em um artigo que se tornou clássico na literatura em torno desse assunto - *Toward a taxonomy of given-new information* - afirma que

o modo de embalar a informação, numa língua natural, reflete as hipóteses do remetente sobre as suposições, crenças e estratégias do destinatário (p. 224).

Com base nesse pressuposto, a pesquisadora apresenta uma *taxonomia da informação*, isto é, ela faz uma classificação dos referentes do discurso identificando seu *status* informacional no texto. Esse status, segundo a autora, é determinado pelo ‘conhecimento partilhado’, ou seja, *o falante admite que o ouvinte conhece, admite ou pode inferir algo particular (sem estar necessariamente pensando nisso)* (op.cit., p.230)

⁵ Segundo Halliday (1985: 274), *a informação consiste em um processo de interação entre o que já é conhecido ou predizível e o que é novo ou imprevisível. Assim, é a interação entre o novo e o não novo que gera informação no sentido lingüístico* (apud Vasconcelos, 1993: 28)

Com um enfoque não muito diferente, Chafe (1976 *apud* Gorski 1985: 25) assume que o *status* é determinado pelo falante e tem a ver com o conhecimento que ele acredita estar ou não presente na consciência do ouvinte no momento em que o enunciado é produzido. Em outras palavras, o *status* é conferido à idéia do objeto ou evento que se tem em mente e que é expressa pelo nome, ou seja, pelo referente (op.cit., p.29). Os referentes são distribuídos numa escala de familiaridade pressuposta de acordo com a novidade da informação. No esquema proposto por Prince (1981: 237), a informação seria assim colocada:



Na categoria “novas”, a autora subdivide as entidades em nova-em-folha e disponível (*unused*). As entidades novas-em-folha, por sua vez, podem estar ancoradas ou não. Quando uma entidade é classificada como nova-em-folha significa que o ouvinte terá que “criá-la” inteiramente, no entanto, quando ela já está na sua mente, ele apenas terá que colocá-la num modelo de discurso já existente, aí será rotulada de “disponível”.

Na categoria “evocadas”, temos as entidades evocada textual e evocada situacional.

Na categoria “inferíveis”, temos a subdivisão inferíveis contidas e inferíveis não-contidas.

Para análise do status informacional dos constituintes OD e OI, nessa pesquisa, tomamos como referencial o *parágrafo temático*, isto é, a permanência do falante em um determinado tema durante a conversa, e consideramos as seguintes categorias informacionais: evocado pragmático/situacional, evocado textual, inferível, disponível e novo.

Com o intuito de elucidar o procedimento tomado para a apreensão do status informacional do OD e do OI, vamos considerar algumas passagens presentes nas entrevistas. O primeiro exemplo diz respeito a um referente, nesse caso - **OD - evocado textualmente**.

(1)

Aí eu voltei a estudar, fui fazer supletivo do Barddal. Aí com a, a o nascimento da Camila - da Rafaela, eu - com quatro meses que eu mostre - que ele conheceu a Camila - a Rafaela. Porque, nesse meio tempo, a minha família ficou muito, assim, abalada, apesar de dar **muita força** pra mim, todos os meus tios, mas com ele ficaram muito chateados assim, propor só era casamento pra depois não me procurar, mas era uma pessoa que também já fazia parte da minha família. Apesar da gente não namorar, mas e a família dele ia na minha e aí a minha família visitava a dele. Isso se tornou uma amizade, né? Então quando aconteceu a gravidez, ele me abalou muito, apesar que a família toda deu **muito apoio**, mas aí a família da minha mãe não aceitava, não aceitava que eu procurasse ele. (FLP 20, L 90-109)

Ao procedermos à análise do status informacional do dado em questão **muito apoio** verificamos que esse referente já fora mencionado anteriormente (**muita força**), portanto, é considerado um evocado textual expresso por um SN. No entanto, no decorrer da análise verificamos que não deveríamos permanecer só ao nível de referentes SNs mas extrapolar o status informacional para o nível oracional já que nos deparamos com situações expressivas como a que segue:

(2)

(.....) aí depois tive que abrir o jogo com elas, né? aí fui contar pra elas, que não, **que eu estava era grávida**, que eu tinha feito os exames, que foi dado positivo. Aí agora conta pro pai e pra mãe! Aí eu fui contar pro Jair, né? Disse: "Ó, Jair, **estou grávida**." Aí na hora ele disse: "Eu não tenho nada, eu nunca fiz nada", agiu de outra maneira, como se nunca nem tivesse me visto na frente dele, não tem? Aí, eu fui pro resultado arrasada, né? Mas, sei lá, no fundo eu também aceitei, eu gostei, porque eu gostava demais dele. Então a gravidez pra mim foi até boa, né? Eu me senti bem, então eu nunca fiquei revoltada coma minha gravidez. Depois que eu soube o resultado do exame, nem chá de hortelã eu não tomava. Eu tinha medo de perder. Então aí no dia que foi **pra contar pro pai e pra mãe, né?** eu fiquei sem coragem, né? Então a mãe da Ana, a gente contou pra ela primeiro, ela foi lá, contou pro pai e pra mãe. A mãe queria morrer, né? Branca, branca, branca, branca. Ela não sabia o que fazia. Aí eu pedi pra Helena que fosse contar, mas antes tive que contar. (.....) (FLP 20, L 1053-1080)

Ao analisarmos o OD da oração **pra contar pro pai e pra mãe, né?** verificamos que, mesmo estando apagado, o OD (**que eu estava grávida**) pode ser resgatado e seu

status informacional identificado, uma vez que foi textualmente expresso dentro do parágrafo temático.

Vejamos agora um constituinte **OI** também classificado como **evocado textual**:

(3)

Eu ganhei uma geladeira, agora, do irmão do Jair - Fevereiro. Ele veio passar as férias aqui, e como ele mora em Chapecó, o Jair que cuida dos negócios dele aqui. E o Jair tinha feito aniversário, e ele resolveu e **mandou a geladeira pro Jair**.
(FLP 20, 598-603)

Ao focalizarmos o dado **mandou a geladeira pro Jair**, cujo elemento especificamente analisado é **pro Jair**, observamos que várias vezes, no discurso anterior o falante faz menção a esse referente, o que caracteriza uma referência evocada textualmente.

O texto a seguir ilustra um referente - **OD** - cujo status é classificado como **inferível**.

(4)

(...) Aí eu fui na clínica da Trindade marcar hora pro Doutor Ailton. Então no começo, assim, eu acho que quase toda mulher, né? tem vergonha de um médico ser seu médico um homem. Mas, se foi uma coisa que eu não me arrependi de ter feito foi arrumar um ginecologista homem. Muito atencioso paguei uma primeira consulta com ele, ele me acompanhou a semana inteirinha, que era a minha última semana de gravidez, né? e ele acompanhou, fez teste de esforço. E ele fez ultrassom, só que ele disse pra mim que o ultrassom no último mês não resolve porque ela não te dá o prazo exato. Porque pela médica, eu ia ganhar no dia doze de março. Ganhei no dia vinte de abril. Então! Aí eu **passei as informações pro médico**, mas ele não tinha o acompanhamento do começo, né? (FLP 20, L 752-782)

Ao analisarmos o OD da oração 'Aí eu **passei as informações pro médico**' observamos que embora o referente não tenha sido expresso em massa, ele perpassa todo o texto, podendo-se, portanto, inferir-se de quais **informações** o informante está falando.

Abaixo um extrato com a presença de um referente - **OD** - identificado como **novo**.

(5)

E, esse plano, eu acho que tem os seus serviços, também acho que melhorou um pouco. Eu acho que não está sendo um plano ruim, porque quem tinha despesa antes consegue pagar com o que ficou. Está sendo ruim pra quem está aí nesses cambalachos, como esse último que apareceu agora que eu achei demais, né?

Como o diretor da TELESC, né? Diretor financeiro da TELESC, aplicava o dinheiro na conta dele.(...) E o Dimas, também, que comprava automóveis sem. Cambalacho, né? Sem documento.(...) Eu já vi tendo comentários que o pessoal, realmente, que tem dinheiro, está com o dinheiro aplicado fora do Brasil. Mas se está também, se baixar, pra nós vai ser bom. Que se tu estavas com dinheiro, também tu não estavas precisando. Ou tu aplicavas no Over pra tu teres um pouquinho de dinheiro a mais, ou tu poupavas também. Eu acho que não estava resolvendo, só com dinheiro aplicado, e não conseguias cobrir. **Eu ganhei uma geladeira, agora, do irmão do Jair.** Fevereiro. Ele veio passar as férias aqui, e como ele mora em Chapecó, o Jair que cuida dos negócios dele aqui. E o Jair tinha feito aniversário, e ele resolveu e mandou a geladeira pro Jair. (FPL 20, L 549-603)

Podemos observar que o informante vem desenvolvendo determinado tópico semântico-discursivo, nesse caso o Plano Collor e suas implicações, quando repentinamente apresenta um elemento totalmente novo à conversa, mudando o rumo do discurso. Ao produzir a frase **Eu ganhei uma geladeira, agora, do irmão do Jair** o falante está introduzindo uma entidade totalmente nova ao discurso tendo o seu ouvinte que criá-la. Conforme Gorski (1985: 46), grande parte das entidades que se apresentam como novas no discurso são marcadas como indefinidas (**uma geladeira**) ou não-específicas. Outra característica formal da entrada de referentes novos no discurso é se apresentar depois do verbo (**ganhei uma geladeira**). Tais características formais podem ser observadas no dado em análise acima

Exemplo de um referente - **OI** - classificado como **evocado pragmático**:

(6)

E ele fez ultrassom, só que ele disse **pra mim** que o ultrassom no último mês não resolve porque ela não te dá o prazo exato. Porque pela médica, eu ia ganhar no dia doze de março. Ganhei no dia vinte de abril. Então! Aí eu passei as informações pro médico, mas ele não tinha o acompanhamento do começo, né? Então ele começou fazer teste de esforço, e ele se passasse de tal dia, ele ia na quarta-feira. Na terça ele disse **pra mim** que estava a fim de tirar água da coluna.

(FLP 20, L 774-786)

Observamos que em vários momentos o referente é marcado pela 1ª pessoa, caracteristicamente um elemento pragmático do discurso, ou seja, a pessoa que fala. Mesmo com retomadas explícitas no texto, os referentes que representam os interlocutores de uma situação comunicativa foram considerados como evocados pragmáticos.

2.3.2. A topicidade

A topicidade é uma propriedade funcional dos participantes nominais - sujeitos e objetos - das cláusulas. Apesar de se manifestar gramaticalmente no nível da cláusula, a topicidade é uma propriedade dependente do discurso. O que faz com que os participantes se tornem tópicos não é o fato de serem gramaticalmente codificados como tais (sujeito e objeto), mas o fato de serem tópicos ao longo do discurso, isto é, por serem referentes importantes, recorrentes ou sobre os quais se fala no discurso (Givón, 1990:740-78; 1993:201-35)

De acordo com o autor, admitimos que a linguagem humana codifica três níveis de topicidade dos participantes (1990:902):

- (a) *tópico primário* = sujeito
- (b) *tópico secundário* = objeto direto
- (c) *não-tópico* = todos os outros casos

O fato de se isolar os tópicos como unidades discretas na cláusula não invalida o aspecto da continuidade/descontinuidade de um tópico no fluxo do discurso. Um participante pode permanecer como tópico primário no discurso, ou pode alterar sua posição para tópico secundário e eventualmente para não-tópico, podendo, ainda, sair temporariamente do discurso (Gorski, 1994:25).

Estudos feitos em várias línguas como Ute, Nez Perce, Papago, entre outros, permitiram a Givón estabelecer as seguintes hierarquias de topicidade, envolvendo casos semânticos e gramaticais, bem como traços semânticos e referencialidade:

- a. *caso semântico* - *Agente* > *Dativo* > *Paciente* > *outros*
- b. *função sintática* - *Sujeito* > *Objeto Direto* > *Objeto Indireto*
- c. *traço semântico* - *Humano* > *Animado* > *Inanimado*
- d. *natureza da referência* - *Referencial* > *Não-Referencial* (Givón, 1988:249)

Ao identificarmos um comportamento variado na ordenação das construções bi-transitivas, um estudo sobre a topicidade de seus constituintes torna-se pertinente. Realizações do tipo (V-OI-OD) ou (OI-SUJ-V-OD) são entendidas como construções de topicalização, relativamente à ordem neutra em língua portuguesa, (V-OD-OI). Tais construções relacionam-se com a continuidade/descontinuidade do tópico no fluxo do discurso. Essas construções, por sua vez, estão intimamente relacionadas com determinados mecanismos de codificação do tópico, que poderá ser codificado como anáfora zero (+ contínuo) como pronome, ou como SN pleno (- contínuo).

Entre as construções de topicalização apontadas por Givón(1990; 1993) estão: as construções existenciais/apresentativas (com SN indefinido), o deslocamento para a esquerda, o deslocamento para a direita, a promoção do objeto indireto a objeto direto (*dative shifting*), entre outras.

Nesse trabalho focalizamos o deslocamento para a esquerda, com especial atenção ao *dative shifting*, devido à importância atribuída a este tipo de construção em estudos feitos em várias outras línguas (cf. Givón, 1984; 1993, Thompson, 1988).

Reafirmamos o caráter panorâmico da apresentação dos pressupostos teóricos adotados nessa pesquisa e salientamos que, tanto as construções de topicalização quanto, especificamente, a promoção do OI para o lugar do OD, bem como outras questões teóricas, serão retomadas e devidamente aprofundados nas seções 5.1. e 5.2 respectivamente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Caracterização do *corpus*

Para análise do fenômeno em questão utilizamos o banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Esse projeto tem como objetivos principais mapear, descrever e interpretar os fenômenos de variação e mudança verificados na comunidade lingüística dos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Vários pesquisadores das universidades federais das capitais desses Estados estão envolvido no trabalho de coleta, transcrição e análise de um *corpus* específico e ilustrativo dos falares de cada estado.

A amostra dessa pesquisa é composta de 16 entrevistas de informantes da cidade de Florianópolis, considerando-se sexo - masculino e feminino; nível de escolaridade - primário e colegial; faixa etária 25 a 50 anos e mais de 50 anos.

Cada entrevista foi coletada nos moldes da pesquisa sociolingüística laboviana com cerca de 60 minutos de gravação, e foi transcrita a partir das orientações do Manual do Usuário (Knies & Costa, 1995), projetado para a transcrição dos dados do banco.

3.2. Os dados em análise

As construções bi-transitivas caracterizam-se por apresentar um verbo com três argumentos. São consideradas as estruturas em que os dois constituintes pós-verbais aparecem explícitos, como também estruturas em que um dos dois ou os dois estão apagados. Nesse último caso, em situações em que podemos recuperar o referente anaforicamente ou pelo contexto.

A partir da leitura das entrevistas, cada dado foi capturado num escopo de quarenta orações, vinte anteriores e vinte posteriores a sua realização. Entre as possíveis construções, as seguintes composições foram encontradas na amostra:

(V-OD-OI)

(1) *Aí eu passei as informações pro médico.* (FLP 20, L 780)

(OD-SUJ-OI-V)

(2)(...) *esse terreno, o meu pai me deu.* (FLP 02, L 337)

(OD-V-OI)

(3) *Naquele tempo a nossa mãe nada disso não dava pra gente.* (FLP 07, L 853)

(3a) *Eu sou uma pessoa otimista, como já falei pra ti.* (FLP 20, L 1147)

(V-OI- Ø)

(4) (...) *Ela foi lá, contou pro pai e pra mãe.* (FLP 20, L 1075)

(V-OI-OD)

(5) *Você tem que trazer pra mim o problema.* (FLP 04, L 1134)

(5a) (...) *eu falei pra ti que hoje é o Instituto.* (FLP 18, L 1066).

(OI- V- OD)

(6) *E me ensinaram chá caseiro, noz moscada, assim, com cachaca.* (FPL 20, L 1025)

(6a) (...) *me contaram que ele tinha fumado.* (FLP 04, 1114)

(OI-V-Ø)

(7) *Só na hora que ele me deu.* (FLP 17, L 780)

(OI-SUJ-V - ..(OD)..) - (...(OD)... estar presente ou não)

(8) *Às minhas primas mais velhas, eu dava a benção.* (FLP 08, L 824)

(8a) *Aí pra ela ele mandou fazer uma panela de arroz.* (FLP 01, L 481)

(V-OD- Ø)

(9) (...) *não quis dar o dinheiro.* (FLP 04, L 316)

(9a) *Aí na hora ele disse: Eu não tenho nada, eu nunca fiz nada.* (FLP 20, L 1060)

(OD-V- Ø)

(10) (...) porque almoço eles não davam. (FLP 02, L 867)

(V-Ø-Ø)

(11) *Aí ela levou* (.....)(.....) (FLP 20, L 1024)

Alguns exemplos com orações - (3a), (5a), (6a), (8a), (9a) - ilustram a inclusão destas nos dados de análise. Isso se deve à grande recorrência desse tipo de manifestação no *corpus*.

O elenco das realizações acima constitui-se em nossa **variável de referência**.

Cada ocorrência é codificada considerando-se o caráter discreto e o caráter de continuum do tópico associado a cada participante/argumento.

Para a análise da posição, os constituintes são observados na relação sintagmática, ou seja, linearmente. O dado, nesse caso, é visto como uma unidade discreta. São considerados o tópico primário e o tópico secundário, e as posições de não-tópico (segunda posição pós-verbal).

A continuidade/descontinuidade do tópico é captada basicamente pela operacionalização dos parâmetros de acessibilidade referencial e de importância temática conforme detalhado posteriormente.

Foram desconsideradas da análise por se apresentarem de forma não muito clara, ocorrências dos seguintes tipos:

a) relação de finalidade

Eu fui fazer uma dobradinha pra nós comermos. (FLP 02, L 1113)

b) verbo 'ter'

(...) *naquela época não tinha pensão pra viúva* . (FLP 18, L 279)

(...) *tinha mais trabalho pro pessoal*. (FLP 06, L 710)

c) casos em que o referente do constituinte apagado não é recuperável pelo contexto discursivo

Ela tem família de São Paulo, que foi embora mas diz que a única coisa que tinha pra eles deixar aqui era a mãe. (FLP 20, L 1250)

3.3. Tratamento dos dados

A metodologia utilizada nessa pesquisa trata os dados sob dois enfoques: quantitativo e qualitativo. O enfoque quantitativo vem da tradição laboviana que tem como focos de preocupação os métodos de coleta, a transcrição e organização dos dados, a consideração de fatores sociais como idade, sexo, escolaridade, procedência geográfica e, sobretudo, a preocupação de trabalhar com dados coletados em situação de uso efetivo da língua. Todos esses ingredientes, segundo Labov (1972), podem ter influência sobre os processos em observação e devem ser considerados numa investigação sociolinguística. O aspecto quantitativo também pode ser observado por ocasião da testagem das hipóteses e o estabelecimento de tendências a partir daí.

Para análise dos dados foi utilizado o programa computacional VARBRUL (Pintzuk, 1988; Scherre, 1992). Esse modelo, composto por vários programas, calcula frequências, percentagens e pesos relativos associados a cada fator considerado. Ao fazer a análise multifatorial, ainda seleciona numa ordem de importância os fatores estatisticamente importantes para a aplicação de determinada regra.

Vale salientar que apesar de estarmos utilizando o instrumental metodológico da Teoria da Variação, nosso estudo não se caracteriza como variacionista, no sentido estrito do termo. Os requisitos para que um fenômeno seja considerado variável, quais sejam, manutenção do significado e possibilidade de ocorrência num mesmo contexto, nem sempre são inteiramente cumpridos, já que estamos tratando de um fato sintático-discursivo que, em princípio, apresentaria variação na função correlacionada a qualquer variação na forma. Em se tratando de ordenação, temos um aspecto adicional, pois não há possibilidade de

substituição paradigmática num mesmo contexto uma vez que estão em jogo as relações sintagmáticas dos constituintes na cláusula.

Apesar desses obstáculos de caráter teórico-metodológico, estabelecemos como variável de referência as diferentes formas de codificação das construções bi-transitivas com ênfase na ordenação dos constituintes. E elencamos uma série de variáveis independentes para testar a influência de cada uma delas na codificação de um tipo de estrutura ou outro. Em resumo, os resultados estatísticos serão utilizados como instrumental para caracterizar os contextos de ocorrência de cada uma das “variantes” em questão.

Em determinadas etapas da pesquisa, pelo reduzido número de ocorrências, os dados foram tratados apenas com cálculos de frequência e percentual, e em outras etapas foi possível calcular os pesos relativos pelo aumento do número de ocorrências.

O número de dados considerados em cada seção muda de acordo com a abordagem feita ao fenômeno. Na capítulo 4, por exemplo, ao tratarmos da estrutura argumental preferida nas construções bi-transitivas, foram consideradas onze (11) diferentes formas de ordenação do OI, o que totalizou o número de 981 dados. No entanto, ao focalizarmos, na seção 5.2., a promoção do OI para OD, somente os caso em que ambos estavam expressos foram considerados para análise, o que reduziu o número de ocorrências para 276. Em cada seção, os números são detalhadamente apresentados.

Com o intuito de investigar pelo menos algumas das características que cercam o fenômeno em questão, uma pesquisa de cunho qualitativo torna-se também indispensável. Queremos não só observar o fenômeno, mas verificar os contextos de sua ocorrência, suas possíveis causas e efeitos, como também a função que a estrutura contemplada possa vir a desempenhar na comunicação.

A propósito, vale lembrar a proposta de Bentivoglio (1987) de que interpretemos os resultados obtidos quantitativamente à luz de reflexões qualitativas. A autora bem lembra que Givón e seus seguidores costumam convalidar quantitativamente suas propostas teóricas:

Tais investigações (o estudo de textos e o estudo da distribuição funcional de diferentes estruturas morfossintáticas dentro do texto), que amiúde implicam em quantificação e em análises estatístico-probabilísticas, são o sine qua non para descobrir as condições comunicativas segundo as quais se dão várias estruturas sintáticas - ou "regras". No primeiro momento, a análise de uma só cláusula só diz ao lingüista que algumas estruturas são possíveis, podem ocorrer. Não diz, com efeito, nada acerca do contexto e do propósito de sua aparição, ou de quão freqüentemente essas estruturas aparecem em comparação com outras que aparentemente cumprem "a mesma" ou semelhante função. Finalmente, o estudo sistemático e quantificado da sintaxe no discurso serve como uma transição necessária e natural para relacionar a língua e a comunicação com os processos cognitivos. (Givón, 1984: 10-11, apud Bentivoglio, p. 25)

3.4. Variáveis independentes

A coleta e análise dos dados se configurou a partir da seleção de, pelo menos, dez grupos de fatores sintático-semântico-discursivos e sociais. Em seguida, procedemos a descrição sucinta dos respectivos grupos. O detalhamento do procedimento adotado e os exemplos de cada fator são apresentados nas seções em que este tenha sido considerado significativo, com as respectivas tabelas e análises.

Fatores sintáticos - As seguintes formas foram consideradas para análise do traço sintático do constituinte OD: SN definido, SN indefinido, SN genérico, pronome, oração. Para OI foram consideradas as seguintes formas sintáticas: SN, pronome tônico, pronome clítico, a expressão "a gente", oração. Os constituintes também foram observados em seu peso através da contagem do número de sílabas (apagado, até 3 síl., 4/5 síl., 6/10 síl., mais de 10 síl.).

Fatores semânticos - Quanto ao traço semântico do OD foram considerados os traços [+/- concreto] e [+/- animado]. O OI se caracteriza por ser um participante consciente no evento, humano, mas não o iniciador deliberado da ação; ou um participante tipicamente humano em cujo benefício/malefício a ação é executada.

Fatores discursivos - Observou-se o *status informacional* tanto do OD quanto do OI, ou seja, se o referente era um evocado pragmático, evocado textual, inferível,

disponível ou novo. Para operacionalizar esse fator tomamos como referencial o *parágrafo temático* (permanência do falante em um determinado tema durante a conversa).

Também foram controlados os parâmetros *acessibilidade referencial* e *importância temática* através das variáveis distância referencial e persistência tópica. Foi considerado um escopo de 40 orações (20 anteriores e 20 posteriores ao dado em análise) para medir e quantificar esses fatores. Procurou-se saber ainda a Pessoa do OI (1ª, 2ª, 3ª pessoa).

Fatores sociais - Entre os fatores sociais controlados estão sexo - masculino/feminino; faixa etária - 25 a 50 anos e mais de 50 anos; e nível de escolaridade - primário e colegial

A seguir procedemos à análise e discussão dos resultados obtidos.

4. ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS NO PORTUGUÊS

Preliminares

À luz de algumas constatações de DuBois (1984/1987) sobre a estrutura argumental preferida (*Preferred Argument Structure* - PAS) em Sacapultec, uma língua Maia da Guatemala, e a partir de um estudo realizado por Bentivoglio e Ashby (1993) sobre a estrutura argumental preferida no francês e espanhol, neste capítulo nos propomos a descrever qual a estrutura "preferida" para a codificação sintática das construções bi-transitivas no português falado em Florianópolis, considerando os seguintes fatores: ordem dos constituintes, complementos expressos e apagados, forma de realização dos constituintes, traços semânticos, status informacional e peso dos constituintes.

Acreditamos hipoteticamente que a estrutura preferida para as construções bi-transitivas no português seja a codificação de verbo (V) acompanhado de um argumento expresso e outro apagado (cf. DuBois, 1984).

4.1. Referencial teórico

A partir de estudos sobre a língua ergativa Sacapultec, em que foram analisados textos narrativos, DuBois (1984; 1987) postula a existência de uma "estrutura argumental preferida" para as línguas, apreendida com base no discurso. Teoricamente, o autor rejeita tanto o "estruturalismo autônomo", que se limita a considerar apenas motivações internas ao sistema lingüístico, quanto o "funcionalismo transparente", que só aceita motivações externas ao sistema na medida em que considera que a estrutura resulta obrigatoriamente de uma função discursiva, estabelecendo-se uma relação cem por cento icônica entre função e forma.

Em seus estudos, o autor não considera os dados como um simples conjunto de sentenças, mas examina-os no discurso como um todo. Nesta perspectiva, observou que as cláusulas apresentam um padrão básico de comportamento, ou seja, uma estrutura argumental estatisticamente preferida, assim caracterizada (1984:232; 1987:817-29): a) há uma preferência por construções frasais que apresentam um verbo seguido de um argumento pleno (ou de nenhum), sendo extremamente raras as construções com dois argumentos plenos; b) a informação nova é introduzida na forma de SN pleno como objeto de verbos transitivos (O) ou como sujeito de verbos intransitivos (S); c) cada estrutura argumental tende a conter apenas uma informação nova, portanto apenas um SN pleno; d) a informação velha tende a aparecer na forma de pronome ou de anáfora zero, como sujeito de verbo transitivo (A). Esta estrutura argumental preferida é postulada como universal para as línguas.

O autor estabelece uma correlação icônica entre padrão gramatical de ergatividade e fluxo da informação e postula a hipótese de que o primeiro deriva da gramaticalização de padrões recorrentes no discurso. O falante primeiro decide o conteúdo a ser expresso, depois escolhe o modo de verbalizá-lo: se o referente deve ser tratado como novo, então será codificado por um SN pleno no papel de O ou de S. (O reverso no entanto não é verdadeiro: pode haver SN pleno para referentes não-novos.) Por outro lado, se o referente for velho, corresponderá a um pronome ou a anáfora zero no papel de A.

O autor evidencia a existência de motivações competitivas independentes operando simultaneamente, o que faz com que uma língua ergativa apresente ora um alinhamento S/O versus A, decorrente do status informacional dos referentes; ora um alinhamento S/A versus O, decorrente da continuidade do tópico humano agente - caracterizando uma “ergatividade cindida”. Assim, a dimensão discursivo-pragmática responsável pela distribuição da informação nova em O/S compete com a dimensão responsável pela continuidade do tópico agente que associa A/S.

Baseando-se no trabalho de DuBois, Bentivoglio & Ashby (1993) buscaram saber se em francês e em espanhol também haveria uma 'estrutura argumental preferida'. Seus dados mostraram que a distribuição sintática do SN nessas línguas românicas também não é gratuita.

Ao analisar aproximadamente 1500 cláusulas em cada uma das línguas (excluindo verbos finitos com objetos e sujeitos sentenciais, como também as cláusulas relativas), esses pesquisadores constataram que, sob o ponto de vista sintático, em ambas as línguas há poucas cláusulas com verbos transitivos nas quais sujeito e objeto direto aparecem como SNs plenos.

Sob o ponto de vista pragmático, as cláusulas em ambas as línguas raramente contêm mais do que uma informação nova. Essa informação nova tem grande probabilidade de ocorrer como objeto ou como sujeito de verbos intransitivos. Isso leva a afirmar que os falantes têm grande preferência em codificar os referentes novos ou em S ou em O, baseados na animacidade do referente (referentes com o traço [+animado] serão S; referentes com o traço [-animado] serão O).

Das questões discutidas por DuBois (1984; 1987) e por Bentivoglio & Ashby (1993), destacamos como relevantes para nosso trabalho os seguintes pontos: a) a preferência pela codificação de uma estrutura argumental constituída por um verbo e apenas um (ou nenhum) SN pleno; b) a associação deste SN pleno com a posição de objeto (O ou S), ou seja, à direita do verbo; c) a relação deste SN pleno com o status informacional novo do referente; d) a associação do status informacional velho à forma pronominal ou ao apagamento do argumento.

4.2. Caracterização das variáveis

Nessa primeira etapa da pesquisa foram computadas 626 construções bi-transitivas extraídas das 16 entrevistas de informantes da cidade de Florianópolis⁶.

Neste estudo foram considerados os seguintes casos: SV com 2 argumentos expressos; SV com somente OD expresso; SV com somente OI expresso; SV sem nenhum argumento expresso. Independentemente da posição que o OD e o OI ocupavam na cláusula, ou seja, considerando-se todos os casos tanto de anteposição como de posposição ao verbo, as construções bi-transitivas foram codificadas de acordo com as seguintes estruturas:

- 1) (V-OD-OI)
- 2) (OD-SUJ-OI-V)
- 3) (OD-V-OI)
- 4) (V-OI-Ø)
- 5) (V-OI-OD)
- 6) (OI-V-OD)
- 7) (OI-V-Ø)
- 8) (OI-SUJ-V-..(OD)..)
- 9) (V-OD-Ø)
- 10) (OD-V-Ø)
- 11) (V-Ø-Ø)

Os respectivos exemplos podem ser revistos na seção anterior.

Para saber qual a estrutura argumental preferida nas construções bi-transitivas no português, foram considerados fatores sintático-semântico-discursivos relacionados tanto ao OD quanto ao OI.

⁶ Na análise foram considerados 997 dados, já que há 371 construções bi-transitivas que apresentam os dois argumentos expressos. Mas considerando-se que em 16 destes 997 dados não houve nenhum argumento expresso, o total de dados analisados foi de 981.

As seguintes formas foram consideradas para análise do traço sintático do constituinte OD: SN definido, SN indefinido, SN genérico, pronome, oração. Quanto ao traço semântico do OD foram considerados os traços [+/- concreto] e [+/- animado]. O tipo de verbo e o peso do constituinte (número de sílabas do OD) foram igualmente controlados. Com relação ao fator discursivo observou-se o status informacional do referente, ou seja, se o referente era um evocado textual ou situacional, inferível, disponível ou novo (cf. taxonomia de Prince, 1981). Para OI foram consideradas as seguintes formas sintáticas: SN, pronome tônico e clítico, a expressão "a gente", oração. Também foi controlado o peso desse constituinte e o status informacional, ou seja, se esse constituinte era evocado pragmático, evocado textual, inferível, disponível ou novo.

4.3. Descrição e análise dos resultados

Admitimos a especificidade do tipo de construções que constitui o objeto de nosso estudo - construções bi-transitivas -, em relação às estruturas argumentais analisadas pelos autores anteriormente mencionados (eles levantaram todos os tipos de estrutura, incluindo os argumentos sujeito e objeto). Mesmo considerando o caráter delimitado de nossos dados (olhamos apenas para os dois argumentos que são objetos do verbo), algumas das constatações apontadas levaram-nos a criar certas expectativas em relação ao comportamento das construções bi-transitivas em português.

Assim é que acreditamos: a) haver uma preferência pela codificação de verbo acompanhado de um argumento expresso na forma de um SN pleno e outro apagado; b) que a informação nova seja codificada com um objeto direto e que, portanto, este carregue a forma de SN pleno; c) em decorrência, que o argumento mais facilmente apagado seja o objeto indireto.

4.3.1. Distribuição da estrutura do SV em construções bi-transitivas

Abaixo apresentamos um panorama de como se apresenta, em português, a estrutura do SV em construções bi-transitivas, considerando verbo com 2 argumentos, verbo com OD, verbo com OI e verbo sem argumento.

TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO DA ESTRUTURA DO SV EM CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS

	freqüência	%
V c/2 arg.	371	59
V c/OD	183	29
V c/OI	56	9
V s/arg.	16	3
TOTAL	626	100

Nossa expectativa de que houvesse maior freqüência de um complemento verbal expresso e outro apagado em estruturas bi-transitivas não se efetivou, já que o percentual para este tipo de construção é de 29% para presença de OD (e apagamento de OI) e de 9% para presença de OI (e apagamento de OD). Já as estruturas que apresentam os dois complementos verbais realizados correspondem a 59% dos dados analisados. É bastante reduzido o número de ocorrências em que os dois objetos aparecem pagados, somente 3%.

Portanto, no fluxo discursivo, o falante tende a codificar sintaticamente numa estrutura verbal bi-transitiva, os dois participantes do evento que desempenham, via de regra, os papéis semânticos de paciente/objeto e de dativo. Ao deixar de expressar um deles, a escolha para o apagamento recai sobre o dativo, havendo então uma retenção maior de OD de que de OI. Esta questão será retomada na seção que trata dos parâmetros da acessibilidade referencial e importância temática (5.3).

Desdobrando a tabela em todos os tipos de estrutura encontrados, temos o seguinte:

TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO DE TODOS OS TIPOS DE ESTRUTURA⁷

	freqüência	%
V-OD-Ø	180	29
V-OD-OI	166	26
V-OI-OD	110	17
OI-V-OD	79	13
V-OI-Ø	46	7
V-Ø-Ø	16	3
OI-V-Ø	10	2
OD-V-OI	8	1,27
OD-OI-V	4	0,63
OI-SUJ-V-OD	4	0,63
OD-V-Ø	3	0,47
TOTAL	626	100

Há cinco estruturas nitidamente mais recorrentes nos dados analisados: com apagamento do OI (29%); com realização dos dois argumentos, o direto precedendo o indireto (26%); com o indireto precedendo o direto (17%); com o OI anteposto ao verbo (13%); e com apagamento de OD(7%), conforme ilustrado a seguir:

(V-OD-Ø)

(1)(...) trazia um potezinho de mel, um vidrinho, (...) (FLP 02, L 750)

(V-OD-OI)

(2) *Aí eu passei as informações pro médico*. (FLP 20, L 780)

(V-OI-OD)

(3) *Você tem que trazer pra mim o problema*. (FLP 04, L 1134)

⁷ As estruturas foram exemplificadas quando da caracterização das variáveis.

(OI- V- OD)

(4) E me ensinaram chá caseiro, noz moscada, assim, com cachaça. (FPL 20, L 1025)

(V-OI- Ø)

(5) (...) Ela foi lá, contou pro pai e pra mãe. (FLP 20, L 1075)

Observa-se que a grande maioria das ocorrências apresentam os complementos em posição pós-verbal. Os casos de anteposição ao verbo são bastante mais comuns com o OI (93 ocorrências) do que com o OD (15 ocorrências).

Em termos gerais, pode-se dizer que em português há preferência para realização dos dois complementos em posição pós-verbal, com o OD antecedendo o OI. Nos casos de apagamento e de deslocamento para a posição pré-verbal, o constituinte mais sujeito a estes processos é o OI.

4.3.2. Traço sintático dos constituintes

A tabela abaixo ilustra a característica sintática dos constituintes.

TABELA 3. TRAÇO SINTÁTICO DO OD E DO OI EM CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS

	OD		OI		TOTAL
	freqüência	%	freqüência	%	
SN	295	47	120	19	415
*pro	19	3	305	49	324
oração	240	38	2	0,3	242
Ø	72	12	199	31,7	271
TOTAL	626	100	626	100	1252

* incluindo “a gente” e pronomes indefinidos

Considerando os dados em seu conjunto, verificamos que o comportamento é praticamente polarizado no que se refere à forma assumida pelo objeto: OD privilegia as

formas SN (47%) e a oração (38%), ao passo que OI privilegia as formas de pro (49%) e de Ø (31,7%). Veja-se a distribuição:

OD: SN > oração > Ø > pro

OI: pro > Ø > SN > oração

Com relação às formas pronominal e oracional do OI, esses resultados eram esperados na medida em que a natureza do OI em estudo, por apresentar o traço [+animado], propiciaria uma maior pronominalização e uma menor realização em forma oracional.

Já no que diz respeito à forma de SN pleno preferencialmente assumida pelo OD, vemos cumprida a expectativa criada com base nos estudos sobre a estrutura argumental preferida anteriormente mencionados, qual seja, a de que apenas um dos argumentos tende a se realizar como sintagma nominal pleno. Logo, se o OI é preferencialmente pronome, caberá ao OD a forma de SN.

Quanto à baixa frequência de pronomes em OD, é possível que a explicação se encontre nos traços semânticos associados a esse argumento. Por outro lado, vale lembrar que estudos de mudança têm evidenciado que os clíticos acusativos de 3ª pessoa estão desaparecendo no Português Brasileiro (cf. Pagotto, 1993). Também no tipo de verbo encontramos explicação para a alta incidência de OD oracional. Estas questões serão tratadas adiante.

Redistribuindo os dados da tabela 3 pelas diferentes estruturas temos o seguinte:

TABELA 4 .TRAÇO SINTÁTICO DO OD E DO OI NAS DIFERENTES ESTRUTURAS

	SV c/2 arg.				SV c/ OD		SV c/ OI		SV s/ arg.	
	OD		OI		OD		OI			
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%		
SN	229	62	94	25	66	36	26	47	----	
pro	14	4	275	74	5	3	30	53	----	
oração	128	34	2	1	112	61	---		----	
TOTAL	371	100	371	100	183	100	56	100	16	626

Estes resultados vêm corroborar o já dito: quando os dois argumentos estão expressos no SV , a preferência é por realizar o OD na forma de sintagma nominal (62%) e o OI na forma pronominal (74%). Por outro lado, quando há apenas um complemento expresso, a forma predominante para OD é a oração (61%), enquanto que para OI é indiferentemente pronome (53%) ou SN (47%).

4.3.3. Traços semânticos dos constituintes

A tabela a seguir mostra os traços semânticos [+/- animado] e [+/- concreto] associados ao OD. Foram analisados tanto os objetos expressos como os apagados, uma vez que é possível recuperar os referentes destes últimos e caracterizá-los quanto aos traços semânticos. Neste quadro, não foram consideradas as orações. Os dados encontram-se distribuídos pelas diferentes estruturas.

TABELA 5. TRAÇO SEMÂNTICO DO OD (EXPRESSO E APAGADO) NAS DIFERENTES ESTRUTURAS⁸

	SV c/ 2 arg.		SV c/ OD		SV c/ OI		SV s/arg.		TOTAL	%
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%		
[+ animado]	4	2	2	3	3	7	1	6	10	3
[- animado]	239	98	69	97	39	93	15	94	362	97
TOTAL	243	100	71	100	42	100	16	100	372	100
[+ concreto]	73	30	25	35	28	67	8	50	134	36
[- concreto]	170	70	46	65	14	33	8	50	238	64
TOTAL	243	100	71	100	42	100	16	100	372	100

No que se refere ao caráter de maior ou menor animacidade do OD, constatamos ser este constituinte quase que categoricamente [- animado] (97%), independentemente de aparecer expresso ou apagado, embora o percentual caia em torno de 5% quando há apagamento. Este fato justifica a pouca pronominalização deste tipo de complemento (cf. tabela 4). Ressalte-se que a forma clítica (o,a) está praticamente desaparecida no sistema do português falado atual (cf. Pagotto, 1993). E a forma tônica (ele, ela) é pouco utilizada para referir entidades [- animadas].

Já quanto ao caráter de maior ou menor concretude do OD, o comportamento é um pouco diferenciado. Quando este argumento aparece explicitamente realizado, a frequência do traço [- concreto] é mais alta: 70% em estruturas com ambos os complementos e 65% em estruturas só com OD. Nos casos de apagamento, sobe a frequência do traço [+ concreto] do objeto: 67% quando o OI está presente e 50% quando ambos estão apagados. No geral, pode-se dizer que o OD tende a ser [- concreto] (64%), e que está mais sujeito a apagamento quando apresentar maior concretude.

O traço [- concreto] aliado ao traço [- animado] do OD justificam seu alto índice de realização como sintagma nominal pleno e, em contrapartida, a baixa ocorrência de objeto direto pronominal, uma vez que entidades abstratas e inanimadas são dificilmente

⁸ Nesta tabela deixaram de ser computadas 240 ODs oracionais para os dois primeiros tipos de estruturas; 14 ODs oracionais apagados, para o terceiro tipo de estrutura; (254 dados).

pronominalizadas na forma tônica e praticamente inexistem como clíticos no português falado, na 3ª pessoa do singular (cf. tabela 4).

4.3.4. Status informacional dos constituintes

Passamos, a seguir, a considerar o status informacional dos referentes representados pelos complementos verbais. Foi categorizado tanto o status do referente SN ou pro, quanto da oração.

TABELA 6. STATUS INFORMACIONAL DO OD E DO OI

	OD		OI		TOTAL
	freqüência	%	freqüência	%	
evoc.pragm.	1	0,1	194	45	195
evoc.textual	232	41,9	185	43,5	417
inf./disp.	294	53	46	11	340
novo	27	5	2	0,5	29
TOTAL	554	100	427	100	981

Obs.: Exemplos relativos a esse fator podem ser encontrados no capítulo 2.

Em termos gerais, o OI caracteriza-se como mais velho do que o OD: 88,5% dos primeiros são evocados enquanto que o percentual de evocados para o segundo é de 42%. O OD apresenta-se como novo ou a meio caminho do novo em 58% dos casos, ao passo que o OI tem esse mesmo status informacional em 11,5% de suas ocorrências.

Podemos dizer que o OI tende fortemente a ser velho, ao contrário do OD que se inclina a ser não-velho. O alto percentual de referentes evocados pragmáticos para o OI deve-se à alta freqüência da referência às pessoas dos interlocutores: 1ª e 2ª pessoa. O percentual igualmente alto para os evocados textuais justifica-se pela alta taxa de pronominalização associada a este argumento (cf. tabela 4), ou seja, pelas constantes retomadas anafóricas dos referentes mais animados. (Já os ODs, quando retomados (232 ocorrências), o são na forma de SN pleno).

A tabela seguinte mostra o status informacional dos referentes nos diferentes tipos de construção.

TABELA 7. STATUS INFORMACIONAL DO OD E DO OI NAS DIFERENTES ESTRUTURAS

	SV c/ 2 arg.				SV c/ OD		SV c/ OI		SV s/ arg.	
	OD		OI		freq.	%	freq.	%	freq.	%
	freq.	%	freq.	%						
evoc. prag.	Ø	---	176	47	1	0,5	18	32	---	---
evoc. text.	152	41	158	43	80	44	27	48	---	---
inf./disp.	195	53	35	9,5	99	54	11	20	---	---
novo	24	6	2	0,5	3	1,5	---	---	---	---
TOTAL	371	100	371	100	183	100	56	100	---	---

Esta tabela mantém praticamente a mesma distribuição.

Merece um destaque especial o fator “novo”. Este status informacional está associado a apenas 8% dos dados analisados (29 ocorrências). Em 93% dessas ocorrências, os referentes novos são introduzidos na função sintática de OD, justamente a que carrega a forma de SN pleno. Esse dado corrobora, em parte, os resultados dos estudos realizados a respeito da estrutura argumental preferida, ou seja, de que o lugar privilegiado para a introdução da informação nova é do OD. O reverso, entretanto, como já foi mencionado, não é verdadeiro, no sentido de que nem todo lugar de OD é preenchido por uma informação nova.

4.3.5. Peso dos constituintes

Passemos, a seguir, a considerar o peso dos constituintes. Este grupo de fatores está relacionado ao “traço sintático”, já que formas pronominais são menos pesadas e formas oracionais costumam ser mais pesadas.

TABELA 8. PESO DO OD E DO OI NAS DIFERENTES ESTRUTURAS

	SV c/ 2 arg.				SV c/ OD		SV c/OI		SV s/ arg.	
	OD		OI		freq.	%	freq.	%	freq.	%
	freq.	%	freq.	%						
c/até 3 síl.	106	28	303	82	37	21	40	71	---	---
c/ 4/5 síl.	100	27	46	12	29	15	11	20	---	---
c/ 6/10 síl.	74	20	15	4	42	23	5	9	---	---
c/ + de 10 síl	91	25	7	2	75	41	---	---	---	---
TOTAL	371	100	371	100	183	100	56	100	---	---

A tendência geral é de distribuição mais ou menos homogênea do peso dos constituintes para o OD (com destaque de peso maior quando este argumento aparece sozinho), e de distribuição polarizada para o OI - preferencialmente pouco pesado em todos os tipos de estrutura. Tais resultados corroboram os obtidos nas tabelas 03 e 04, onde OI aparece associado a pronome e OD à oração e SN pleno.

4.4. Conclusões parciais

A partir dos resultados mostrados nas tabelas anteriores podemos delinear a estrutura argumental preferida em português para as construções bi-transitivas:

- ambos os argumentos são expressos (59%) e raros são os casos de apagamento dos dois (3%);

- quando os dois argumentos estão expressos à direita do verbo, a ordem preferencial é OD-OI (60%);

- maior apagamento de OI (29%) do que de OD (9%), isoladamente;

- OD é mais realizado com SN ou oração (68%); enquanto que o OI é mais realizado como pro ou Ø (52%);

- há preferência para realização de apenas um SN pleno na estrutura argumental;

- quando os dois argumentos estão presentes, um tende a ser SN e o outro pro;

- o OI é categoricamente [+ animado] (já que dativo); o OD é quase que categoricamente [- animado] (97%) e é fortemente [- concreto] (64%);

- o OI tende fortemente a ser evocado (88,5%) enquanto que o OD inclina-se a ser não-evocado (58%);

- o referente novo tende a ser introduzido como OD (93%);

- o OI tende a ser menos pesado e o OD, mais pesado.

Um confronto desses resultados com as expectativas formuladas no início do capítulo mostra que:

a) **não** há, em português, uma preferência pela codificação de verbo acompanhado de um argumento expresso e outro apagado, já que em mais da metade dos dados aparecem os dois argumentos realizados;

b) a informação nova é codificada como objeto direto e este carrega a forma de SN pleno;

c) o argumento mais facilmente apagado é o objeto indireto.

O resultado mais surpreendente diz respeito ao reduzido apagamento de argumento(s) em construções bi-transitivas: 12% de apagamento de OD e 32 % de apagamento de OI (resultados resgatados da tabela 1). Em suma, no português falado a estrutura argumental preferida em construções bi-transitivas corresponde à ordem canônica V-OD-OI.

Esse resultado contrasta com outros obtidos em análises sobre o objeto direto, como por exemplo os de Cyrino (1990), que em estudo diacrônico constata aumento progressivo no uso de objeto nulo chegando à casa dos 80% de ocorrências no século XX (Cyrino, 1993: 165). Como a autora trabalha com estruturas transitivas em geral, uma hipótese que se pode cogitar é de que talvez os traços semânticos associados ao OD sejam diferentes em se tratando de complemento de verbo transitivo direto (que aceita argumento [+ animado], por exemplo), em oposição a complemento de verbo bi-transitivo (que pelo fato de apresentar um OI [+ animado] restringe o aparecimento deste mesmo traço no OD). Não é inviável, portanto, supor que o OD apagado ou nulo porte, preferencialmente, o traço [+ humano].

Destaque-se, porém, que em 42% de nossos dados (232/626) temos OD anafórico, portanto, sujeito a apagamento. Considerando-se que houve 72 ocorrências de OD apagado, o percentual real passa a ser de 31% - igualmente baixo em relação aos resultados de Cyrino.

5. A ORDENAÇÃO DO OI EM CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS

Preliminares

Centralizando nosso foco de atenção na ordenação do OI, neste capítulo tratamos, primeiramente, das construções de topicalização. Em seguida, abordamos com maior detalhamento a promoção do OI, fenômeno denominado *dative shifting*. Por fim, apresentamos e discutimos os parâmetros acessibilidade referencial e importância temática aplicados ao fenômeno em análise.

5.1. CONSTRUÇÕES DE TOPICALIZAÇÃO

As construções relevantes ao fenômeno ora investigado são as que envolvem movimento do OI para a esquerda. No caso do português, como já ilustramos, o ponto de aterrissagem do OI pode ser imediatamente posterior ao verbo (V-OI-OD), imediatamente anterior ao verbo (OI-V-OD), especialmente ao se tratar de construções proclíticas, ou ainda, anterior ao sujeito (OI-SUJ-V-OD), mesmo sem deixar vestígios de correferencialidade. Chamaremos a esses três tipos de estrutura “construções de topicalização”; quando quisermos nos referir especificamente à primeira, falaremos em “promoção do OI”.

Isso posto, nesta seção, pretendemos caracterizar os contextos de ocorrência da topicalização do OI, identificando as variáveis que coocorrem com esse tipo de construção.

5.1.1. Referencial teórico

Ao tomarmos a ordenação do OI como objeto de estudo num contexto discursivo, não podemos deixar de abordar as construções de topicalização como uma das estratégias discursivas utilizadas pelo locutor para atrair a atenção do seu interlocutor. Ao falarmos em construções de topicalização estaremos nos referindo ao deslocamento, movimento de um constituinte mais para a esquerda do enunciado. Nesse caso, estamos tratando o tópico como uma entidade discreta que assume mais traços de ‘tópico’ à medida que vai se deslocando para a esquerda no enunciado.

No nível do discurso, entretanto, tópico já adquire um matiz diferenciado, uma vez que se passa a ter a possibilidade de continuidade/descontinuidade do tópico. Temos, assim, de um lado o caráter discreto, de outro lado o caráter de continuum assumido pelo tópico.

O tópico pode ser codificado com diferentes graus de proeminência e através de diferentes mecanismos de codificação que incluem a forma (SN, pronome ou anáfora zero) e a ordenação pragmática (deslocamento, contraste, etc.)

Ao abordar o uso pragmático da ordenação vocabular, Givón elenca os seguintes tipos de construção de topicalização, cuja função seria codificar tópicos descontínuos e menos acessíveis (1990; 1993):

a) *construções existenciais/apresentativas* (com sujeito indefinido)

There is a man here who wants to see you.

b) *deslocamento à esquerda*

John, I saw him there yesterday.

c) *deslocamento à direita*

I saw him there yesterday, John.

d) *foco contrastivo*

- *com construção clivada*

It was Joe who lent me a bike.

- *com movimento Y*

She has two brothers, Tom and Jerry. She likes Tom a lot. Jerry she can't stand.

e) *"raising"*

She saw Joe leave. (She saw Joe/ She saw that Joe left)

f) *"dative shifting"* (promoção de OI a OD)

She gave him a book.

Essas construções de topicalização interagem com outros mecanismos de codificação do tópico, tais como: anáfora zero, pronominalização, sintagma nominal pleno definido e indefinido -, constituindo-se, segundo o autor, num dos principais focos na organização da gramática de uma língua. Estabelece-se, dessa maneira, uma relação entre ordem e quantidade de material fônico ou extensão do SN empregada na codificação. Além de apresentar a informação considerada mais importante primeiro no fluxo do discurso, o falante vai marcá-la mais, dando maior realce a ela através da utilização de maior massa fônica. É na tentativa de estabelecer uma correlação entre ordem e quantidade de codificação que Givón, então, propõe a seguinte escala:

REFERENTE MAIS PREVISÍVEL/ACESSÍVEL/CONTÍNUO

-
- a. anáfora zero
 - b. pronome átono/clítico ("concordância")
 - c. pronome tônico/independente/contrastivo
 - d. nome-DEF pleno
 - e. nome- DEF restritivamente modificado
-

REFERENTE MENOS PREVISÍVEL/ACESSÍVEL/CONTÍNUO

(Givón, 1988:249)

Observamos nessa escala que há uma correlação inversa entre grau de previsibilidade de um referente e extensão fonológica do recurso gramatical usado para codificá-lo, ou seja, quando o referente for menos acessível, menos previsível, menos contínuo maior ou mais material fonológico será utilizado para torná-lo mais saliente ou mais perceptível ao interlocutor; por outro lado, quando o referente for mais previsível, mais acessível, mais contínuo, menos material fonológico será utilizado para sua codificação. Ele é tão acessível que pode até ser zerado na ordem de apresentação dos constituintes no discurso. Tal relação demonstra que “a quantidade de codificação é vista como sinal - ícone - de maior ou menor previsibilidade da informação, o que certamente determina maior ou menor saliência perceptual.” (Zilles, 1992:57). Cabe ressaltar que é menos acessível, não necessariamente menos importante.

Abaixo são apresentados alguns exemplos dados por Givón (1988:246) para evidenciar o progressivo grau de topicalização das construções. Paralelamente apresentamos estruturas correspondentes encontradas no português.

a. clivada

It was to John that I gave the book.

b. movimento- Y-

To John I gave the book. Às minhas primas mais velhas, eu dava a benção. (FLP 08, L 824)

c. pseudo-clivada

The person I gave the book to was John.

d. dative shifting

I gave John a book. Então quando eles não queriam dar pra mim, quer dizer, o suco, né? (FLP 01, 318)

e. neutra

I gave the book to John. (...) elas não dão nem uma calçadeira pra gente(...) (FLP 22, 684)

Observa-se que em *a* e *b* o tópico ocorre antes do sujeito e do verbo, conferindo-lhe maior caráter de saliência e contraste, o que pode indicar maior grau de importância. Nas construções *c*, *d* e *e* a codificação do tópico acontece em posição pós-verbal, conferindo-lhe menor grau de importância e contraste.

Das construções anteriormente exemplificadas, consideramos em nossa análise o que o autor denomina de deslocamento à esquerda, construção clivada, movimento-Y e *dativé shifting* - todas elas tratadas por nós indistintamente sob o rótulo de ‘construções de topicalização’.

5.1.2. Caracterização das variáveis

Foi tomada como variável dependente a *topicalização vs não topicalização do OI*. Como topicalização foram incluídos inicialmente os seguintes casos:

(V-OI-OD)

(1) *Você tem que trazer pra mim o problema*. (FLP 04, L 1134)

(OI-V-OD)

(2) *E me ensinaram chá caseiro, noz moscada, assim, com cachaça*. (FPL 20, L 1025)

(OI-SUJ-V - ..(OD)..)

(3) *Às minhas primas mais velhas, eu dava a bênção*. (FLP 08, L 824)

Como não topicalização foi considerado:

(V-OD-OI)

(4) *Aí eu passei as informações pro médico*. (FLP 20, L 780)

Foram controlados todos os fatores sintáticos, semânticos e discursivos conforme apresentados na metodologia.

Como o número de dados analisados aumentou, o programa estatístico VARBRUL pôde ser mais facilmente utilizado para cálculo de pesos relativos. São apresentadas a seguir as variáveis que se mostraram estatisticamente significativas para o fenômeno investigado.

5.1.3. Descrição e análise dos resultados

O número de dados analisados é de 232, excluídos os ODs oracionais por mostrarem um comportamento categórico em relação à topicalização do OI. Os grupos de fatores lingüísticos relevantes foram: pessoa do OI, forma do OI e peso do OD. Foram efetuadas também algumas rodadas incluindo os ODs oracionais com a finalidade de verificar se os resultados para topicalização sofreriam algum tipo de alteração.

5.1.3.1. Pessoa do OI

Este foi o 1º grupo selecionado como estatisticamente significativo para a topicalização do OI. Os resultados são mostrados na tabela abaixo. Entende-se como aplicação da regra a topicalização.

TABELA 9. PESSOA DO OI E TOPICALIZAÇÃO

	Frequência Total/apl.	%	PR
P1	80/58	72	.82
P2	16/9	56	.56
'a gente'	14/2	14	.45
P3	122/8	07	.26
TOTAL	232/77	33	100

Abaixo apresentamos alguns exemplos ilustrativos:

P1

(1) *Você tem que trazer pra mim o problema.* (FLP 04, L 1134)

(2) *(...) se ele me pedisse um maço de cigarro (...)* (FLP 17, L 1289)

P2

(3) *(...) porque ele não te dá o prazo exato.* (FLP 20, 777)

'a gente'

(4) *então trazia pra gente vinte pães.* (FLP 02, L 747)

P3

(5) *e isso aí realmente dava à criança uma participação mais completa na escola.*
(FLP 21, L 1126)

Os resultados da tabela são bastante significativos apontando para uma polarização no comportamento da primeira pessoa (.82) vs terceira pessoa do discurso (.26). A pessoa que identifica o centro dêitico da situação comunicativa (P1) favorece fortemente a topicalização do OI, enquanto a terceira pessoa (P3) inibe intensamente qualquer deslocamento do OI para a esquerda. Já a segunda pessoa (P2) inclina-se levemente a ser topicalizada (.56) enquanto 'a gente' inclina-se a não topicalização (.45).

Incluindo-se os ODs oracionais, teríamos a seguinte frequência de distribuição:

TABELA 10. PESSOA DO OI E TOPICALIZAÇÃO (COM DADOS ORACIONAIS)

	Frequência	%
	Total/apl.	
P1	121/99	82
P2	39/32	82
'a gente'	15/3	20
P3	183/69	38
TOTAL	358/203	57

Esses resultados mostram mais nitidamente a correlação entre topicalização e P1 e P2, ou seja, o 'eu' e o 'tu', interlocutores do processo comunicativo. 'A gente' e P3 mantêm-se não topicalizados.

5.1.3.2 Forma do OI

O segundo grupo de fatores estatisticamente relevante mostra o seguinte resultado:

TABELA 11. FORMA DO OI E TOPICALIZAÇÃO

	Frequência Total/apl.	%	PR
clítico	61/61	100	
pronome tônico	91/10	11	.46
SN	63/04	06	.54
“a gente”	15/02	13	.57
TOTAL	230/77	33	

Os exemplos (1), (2), (3), (4), (5) acima ilustram essas ocorrências.

A forma pronominal clítica está categoricamente correlacionada à anteposição do OI ao verbo, ou seja, à próclise. As demais formas apresentam um peso relativo aproximado, mantendo-se em torno de .50, o que mostra um comportamento mais ou menos neutro em relação à ordenação do OI. Os percentuais, entretanto, desfavorecem fortemente a topicalização com formas não clíticas.

Uma rodada incluindo os ODs oracionais mostrou os seguintes resultados:

TABELA 12. FORMA DO OI E TOPICALIZAÇÃO (COM DADOS ORACIONAIS)

	Frequência Total/apl.	%
clítico	88/88	100
pronome tônico	166/85	51
SN	86/27	31
‘a gente’	16/3	19
oração	2/Ø	Ø
TOTAL	358/203	57

A rodada com os complementos oracionais altera consideravelmente a frequência dos pronomes tônicos: de 10 para 85 topicalizações, das quais apenas 03 antepostas ao verbo e 82 em posição imediatamente pós-verbal. Já os clíticos sobem de 61 para 88 categoricamente antepostos ao verbo. Os SNs também passam a ser mais topicalizados, de 6% a 31%. Temos então o seguinte quadro: a topicalização do OI se dá na forma pronominal, sendo a promoção preferencialmente realizada na forma de pronome tônico e a anteposição ao verbo na forma de clítico.

Comparando-se os resultados das 4 tabelas acima que mostram o comportamento variável da ordenação, pode-se afirmar que a topicalização do OI está fortemente associada à forma clítica do pronome de 1ª pessoa (me), seguida da mesma forma de 2ª pessoa (te); já a forma clítica de 3ª pessoa (lhe) mostra-se ausente nos dados.

Temos então como fatores motivadores da topicalização do OI as pessoas do discurso relativas aos interlocutores (P1 e P2), na forma de clíticos. E como fator de restrição à topicalização do OI a 3ª pessoa do discurso (P3).

5.1.3.3. Peso do OD

Este foi o último grupo de fatores linguísticos relevante para a topicalização do OI. Vejam-se os resultados:

TABELA 13. PESO DO OD E TOPICALIZAÇÃO DO OI

	Frequência Total/apl.	%	PR
até 5 síl.	182/50	27	.46
+ de 5 síl.	44/21	48	.77
TOTAL	226/71	31	

Exemplos:

(6) *Quem é que te deu essa rosa.* (FLP 20, 301)

(7) *E me ensinaram chá caseiro, noz moscada, assim, com cachaça.* (FLP 20, 1025)

Confirma-se mais uma vez que o OI inclina-se a se deslocar para a esquerda quando o OD é mais pesado, ou mais extenso (.77). Observe-se que, neste caso, não estão sendo computados os ODs oracionais e mesmo assim o peso do OD mostra-se significativo para a ordenação dos constituintes. O que vale dizer que possivelmente não seja somente o estatuto sintático oracional, mas também o tamanho do OD o fator condicionador da topicalização do OI. É uma questão de processamento: é mais fácil processar as informações quando a mais pesada for codificada na posição final da cláusula (cf. Mollica, 1989).

5.1.3.4. Tipo de verbo

Dentre os grupos de fatores descartados pelo programa, este é o primeiro candidato a ser estatisticamente relevante. Julgamos interessante trazê-lo à discussão face ao cruzamento apresentado com a forma do OI. Os resultados aparecem na tabela abaixo.

TABELA 14. TIPO DE VERBO E TOPICALIZAÇÃO DO OI

	Frequência Total/apl.	%	PR
dar 1	67/28	42	.67
dar 2	33/16	48	.61
dicendi	17/06	35	.51
benef/mov/cogn	61/17	28	.40
fazer 2	18/03	17	.35
fazer 1	13/01	08	.10
TOTAL	209/71	34	

Alguns exemplos:

dar 1 (lexicalizável)⁹

(8) (...) e essa freira ela nos dava assim, os melhores conselhos. (FLP 24, L 485)

dar 2 (não-lexicalizável)

(9) tu podes me dar até um cheque pré-datado. (FLP 07, L 881)

dicendi

(10) E lá no sítio me contaram uma história assim (...) (FLP 08, 469)

benefactivo/movimento/cognição

(11) Mas aí ela me ensinou uma oração. (FLP 08, L 888)

(12) (...) então trazia pra gente vinte pães. (FLP 02, 747)

(13) (...) veio um senhor me oferecer um outro trabalho (...) (FLP 04, 793)

fazer 2 (não-lexicalizável)

(14) (...) até que ele fez uma casinha pra ela. (FLP 03, L 1061)

fazer 1 (lexicalizável)

(15) (...) e agora me fizeram o convite. (FLP 02, L 1293)

“outros¹⁰

(16) se eu permitir esse tipo de educação pros meus filhos. (FLP 18, L 1013)

Os resultados apontam para o verbo ‘dar’, independentemente de ser ou não lexicalizável (construções fortemente integradas - ‘dar uma surra’ = surrar) (.67 e .61), como o favorecedor do deslocamento do OI e o verbo ‘fazer’, lexicalizável ou não, como aquele que mais retém o OI em sua posição final na cláusula (.10 e .35). Interessante

⁹ Na categoria “lexicalizáveis” foram incluídos alguns casos como “dar os melhores conselhos” que podem ser traduzidos por uma única forma “aconselhar”; outros, embora não sofram esse processo, estabelecem um vínculo fortemente integrado entre o verbo e seu objeto como em “fazer uma casinha”.

¹⁰ Este último fator não foi computado na tabela acima.

verificar que os fatores polarizados são justamente os verbos de construções mais cristalizadas no português.

Uma tabulação cruzada entre os tipos de verbo e as formas do OI mostrou o seguinte resultado:

TABELA 15. CRUZAMENTO ENTRE TIPOS DE VERBO E FORMAS DO OI PARA TOPICALIZAÇÃO¹¹

	DAR		FAZER		DICENDI		BEN/MOV/COG		TOTAL	
	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%
clítico	39/39	68	02/02	4	03/03	5	13/13	23	57/57	100
pro tôn	32/02	39	16/02	19	11/02	13	24/03	29	83/09	10,8
SN	22/03	40	11/0	20	03/01	5	19/0	35	55/04	7,3
a gente	05/0	41,5	02/0	17	0/0	---	05/01	41,5	12/01	8,3
TOTAL	98/44	48	31/04	15	17/06	8	61/17	29	207/71	34,3

A tabela acima apresenta dados sem OD oracional. Quando estes são incluídos realizam-se quase que categoricamente com verbos ‘dicendi’.

O cruzamento acima mostra que: os clíticos aparecem preferencialmente com o verbo ‘dar’ (39/57=68%) categoricamente topicalizados; os pronomes tônicos distribuem-se com certa homogeneidade entre todos os tipos de verbos, com predomínio com o verbo ‘dar’ (32/83=39%), neste caso sem topicalização; os SNs e ‘a gente’ concentram-se com ‘dar’ e benefactivos em geral e não se topicalizam.

O que parece mais evidente, a partir dessas constatações, é que o alto percentual de topicalização associado ao verbo ‘dar’(45%) deve-se ao fato de a maioria das ocorrências aparecer com clítico, que é categoricamente topicalizado. Assim, não é propriamente o item lexical que favorece o deslocamento do OI, mas o cruzamento de ‘dar’ com clítico.

¹¹ Há 207 dados porque foram excluídos 02 OIs oracionais.

5.1.3.5. Fatores sociais

Os fatores sociais controlados foram idade, sexo e escolaridade. Apenas o último mostrou-se estatisticamente significativo em relação ao fenômeno investigado. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

TABELA 16. TOPICALIZAÇÃO DO OI E ESCOLARIDADE

	freqüência Total/apl.	%	PR
primário	101/36	36	.70
colegial	131/41	31	.34
TOTAL	232/77	33	

Obs.: sem ODs oracionais.

Os dados estão bem distribuídos pelos dois níveis de escolaridade: 101 para primário e 131 para o colegial. O percentual de topicalização do OI também mostra-se relativamente homogêneo: 36% para o primário e 31% para o colegial. A diferença acentuada encontra-se no peso relativo que polariza .70 para primário vs .34 para colegial.

Vale ressaltar que houve uma polarização progressiva nos resultados à medida que o grupo de fatores foi interagindo com os outros fatores lingüísticos. Este percurso pode ser verificado abaixo:

	nível 0	nível 1 c/ pessoa do OI	nível 2 c/ pessoa e forma do OI
primário	.53	.59	.70
colegial	.48	.43	.34

Uma rodada cruzando escolaridade e pessoa do OI mostrou o seguinte resultado:

TABELA 17 . TOPICALIZAÇÃO E CRUZAMENTO ENTRE ESCOLARIDADE E PESSOA DO OI

primário			colegial			TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
	Total/apl.		Total/apl.		Total/apl.		
P1	33/27	82	46/31	66	79/58	73	
P2	5/2	40	11/7	64	16/9	56	
P3	54/5	9	68/3	4	122/8	7	
'a gente'	9/2	22	6/0	Ø	15/2	13	
TOTAL	101/36	36	131/41	31	232/77	33	

A diferença mais significativa diz respeito a P1 e P2: enquanto informantes com primário topicalizam o OI em 82% das ocorrências de primeira pessoa do singular e em 40 % (metade) dos casos de segunda pessoa, os informantes de grau colegial não fazem diferença entre as pessoas, topicalizando o OI em aproximadamente 65% das ocorrências de P1 e P2.

Um cruzamento entre escolaridade e forma do OI aponta a seguinte:

TABELA 18. TOPICALIZAÇÃO E CRUZAMENTO ENTRE ESCOLARIDADE E FORMA DO OI

primário			colegial			TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
	Total/apl.		Total/apl.		Total/apl.		
clítico	25/25	100	36/36	100	61/61	100	
pro. tônico	44/6	14	47/4	9	91/10	11	
SN	23/3	13	40/1	3	63/4	6	
'a gente'	9/2	22	6/0	0	15/2	13	
TOTAL	101/36	36	131/41	31	232/77	33	

A tabela acima mostra que informantes com grau colegial usam mais clíticos e SNs do que os do primário. Estes, por sua vez, topicalizam mais em todas as formas (à exceção dos clíticos, que têm topicalização categórica). Esses resultados, aliados aos da tabela 17, nos levam a pensar que indivíduos com primário atribuem mais importância ao dativo, colocam-se mais como centro de atenção, e estão mais sujeitos a pressões comunicativas/discursivas, daí topicalizarem mais. Já os que possuem maior escolaridade estão mais sujeitos a pressões sintáticas (ordem canônica).

5.1.4. Conclusões parciais

Os contextos de ocorrência da topicalização do OI podem ser assim caracterizados:

- *quanto à pessoa do OI*: a topicalização se dá predominantemente com a primeira pessoa (eu), seguida da segunda pessoa (tu), sendo rara com a terceira pessoa do discurso;

- *quanto à forma do OI*: a topicalização está fortemente associada ao clítico e pouco realizada com SNs; os pronomes tônicos estão mais sujeitos à promoção;

- *quanto ao peso do OD*: a topicalização do OI acontece preferencialmente quando o OD contém mais de cinco sílabas;

- *quanto ao tipo de verbo*: o OI se desloca para a esquerda com mais frequência em contextos com o verbo 'dar', assumindo a forma de clítico.

- *quanto ao grau de escolarização*: o nível primário favorece a topicalização.

Portanto, o contexto discursivo preferencial para a topicalização do OI é o seguinte:

(a) *sem OD oracional*:

como clítico de primeira pessoa, complemento dativo do verbo 'dar' cujo OD é pesado.

(b) *com OD oracional*:

como clítico de primeira pessoa, complemento de verbos 'dicendi' cujo OD é oracional

Em termos de graus de topicalização do OI, os dados mostram uma distribuição equilibrada entre as posições imediatamente pós-verbal e imediatamente pré-verbal (em torno de 15% de todas as ocorrências de construções bi-transitivas). Já a posição mais à esquerda da cláusula, anterior ao sujeito, é raramente ocupada pelo OI (não chegando a 01% de frequência) o que mostra ser esta a construção de tópico dativo marcada em português.

5.2. A PROMOÇÃO DO OBJETO INDIRETO EM CONSTRUÇÕES BI-TRANSITIVAS NO PORTUGUÊS

Preliminares

Alguns resultados de estudos feitos por Givón e Thompson (1988) sobre o deslocamento/movimento do OI para o lugar do OD incitaram-nos a investigar esse fenômeno em nossa língua. Propomo-nos então a (1) identificar as características do participante/argumento que ocupa a primeira posição pós-verbal; (2) identificar a função sintática do participante/argumento que ocupa a primeira posição logo após o verbo; (3) levantar fatores que contribuem para motivação ou restrição à promoção do OI¹².

5.2.1. Referencial Teórico

Em um estudo realizado por Thompson (1988), a autora investiga o movimento do dativo em língua inglesa, com o propósito de verificar alguns fatores envolvidos na escolha que o falante faz entre expressar o dativo de forma promovida ou não. Na gramática inglesa, duas são as possibilidades de ordenação de cláusulas com três argumentos (p.147):

- (a) Laura gave *Nim a bagel*. (Laura deu a Nim uma bolsa.)
- (b) Laura gave *a bagel to Nim*. (Laura deu uma bolsa a Nim.)

Entre as propriedades testadas pela pesquisadora associadas ao OD e OI estão 'animado', 'pronominal', 'específico', 'definido', 'próprio', 'curto' e 'dado/ativado'. A esse feixe de propriedades que influencia a embalagem da informação nas línguas, a autora dá o nome de *topicworthiness* (propriedades de topicidade). Embora cada uma dessas propriedades seja tratada separadamente para mostrar a influência que cada uma tem nas alterações

¹² Cabe salientar que em língua portuguesa, além de o OI poder ocupar uma posição pós-verbal, ele também pode aparecer imediatamente antes do verbo, apagado ou deslocado para a esquerda, em forma de SN ou como pronome clítico.

presentes no fenômeno em análise, a autora salienta que essas propriedades não são totalmente independentes uma das outras, ou seja, um SN que é próprio também pode ser animado, e assim por diante.

Thompson busca em Givón (1984) o referencial para analisar esse feixe de propriedades de topicidade. Como já mencionado anteriormente, Givón considera que a posição mais tópica (de tópico primário), ou seja, mais à esquerda numa construção, é ocupada pelo sujeito, que tende a trazer consigo alguns traços como ser [+ animado], [+ definido], [+ pronome], [+ curto], [+ específico]. A segunda posição mais tópica (de tópico secundário) é preenchida pelo objeto. Nos casos em que há dois objetos onde um é codificado logo após o verbo e o outro imediatamente depois, aquele que está mais próximo ao verbo será mais tópico. Em sua pesquisa, Thompson toma essas características e as aplica ao objeto codificado logo à direita do verbo.

A autora testa duas hipóteses: (1) os recipientes (OI), como ela os denomina, são tipicamente muito mais animados, pronominais, específicos, próprios, curtos e dados do que os pacientes (OD); (2) os recipientes pós-verbais são muito mais animados, pronominais, específicos, próprios, curtos e dados do que recipientes em posição final. Entenda-se, nesse caso, a posição pós-verbal como aquela em que o OI vem logo após o verbo e posição final quando o OI vem depois do OD.

Ao analisar o OI e o OD, comparando-os em suas propriedades de topicidade, a autora observou que esses constituintes são radicalmente diferentes quanto aos parâmetros selecionados para a análise. Assim, os resultados apontados pelos dados mostraram que, em geral, o OI é muito mais *topicworthiness* do que o OD, ou seja, é mais animado, pronominal, específico, definido, próprio, pouco extenso e dado/ativado. Além disso, 71% dos dados mostraram que o OI é muito mais comum na posição pós-verbal do que o OD. A segunda hipótese também foi corroborada pelos dados, ou seja, o OI em posição pós-verbal é muito mais *topicworthiness* do que o OI em posição final. Portanto, esse estudo sugere que a posição pós-verbal em inglês é o lugar preferido do dativo/recipiente. Como sugere também que as regularidades gramaticais podem ser moldadas por padrões extragramaticais decorrentes da necessidade do falante de codificar de maneira mais ou menos tópica um

participante/argumento SN no fluxo da informação (cf. Thompson, 1988:160). Ou seja, há estruturas gramaticais, como o caso da ordenação de constituintes no interior da cláusula, que são discursiva e pragmaticamente orientadas (Givón, 1995:15).

Segundo Givón (1993:216), em termos de papéis semânticos, a promoção do OI para o lugar do OD em língua inglesa limita-se a objetos dativos. Entre os verbos bi-transitivos que apresentam um OI tipicamente dativo estão "give" (dar), "tell" (contar), "ask" (perguntar), "show" (mostrar), "teach" (ensinar), "send" (mandar), "sell" (vender), "promise" (prometer), "bring" (trazer).

Além de a promoção do OI limitar-se a objetos dativos, há outras restrições semânticas relacionadas ao que se denomina objeto benefactivo opcional. Quando um verbo tem um paciente tipicamente humano, promover outro humano a OD pode criar certa confusão de papéis de caso, já que não se consegue precisar quem é o paciente e quem é o benefactivo. No entanto, quando o paciente não é humano, a promoção parece ser menos problemática. Vejamos alguns exemplos.

Kiss your sister **for me**. (paciente e benefactivo humanos)
* Kiss **me** you sister.

Save a seat **for me!** (paciente não humano e benefactivo humano)
Save **me** a seat!

Para Givón (1993:120), as construções bi-transitivas prototípicas são representadas pelas construções locativas (*John put the book on the table.*), onde "*on the table*" (em cima da mesa) é tomada como um OI. Em língua portuguesa, no entanto, a expressão "*on the table*" é tipicamente classificada como adjunto adverbial ou como complemento circunstancial, e não como OI. Como esse tipo de construções não foi incluído em nosso estudo, todos os casos de OI presentes são representados por objetos dativos/benefactivos, ou seja, construções bi-transitivas nas quais aparece um dativo receptor beneficiário/maleficiário da ação, mais animado.

Ainda de acordo com Givón (1993), nas construções bi-transitivas parece haver uma tendência para colocar o participante que é [+ tópico], [+ previsível], [+ contínuo] antes do outro. Num estudo sobre a língua inglesa escrita, o autor mostra que objetos dativos tipicamente humanos, que podem aparecer tanto na posição de OD como na posição de OI, apresentam maior incidência na primeira (84%) do que na segunda posição (16%). Assim, observa-se que quando há a possibilidade de codificar um participante como OD ou OI, codificá-lo como OD (logo à direita do verbo) implica ser este participante [+ tópico], [+ previsível] e [+ contínuo] no discurso (p.218).

Para entender melhor, vejamos os exemplos:

- (1) She gave the book *to him*. (Ela deu o livro pra ele.)
 (2) She gave *him* the book. (Ela deu pra ele o livro.) (Givón, 1993:218).

Em (1) o argumento "**to him**" é visto como um OI. Já em (2) quando "**him**" passa a ocupar a posição imediatamente após o verbo, perdendo a preposição, ele passa a ser considerado, por Givón, um OD. Em Português, quando há a promoção do OI a OD, ou seja, quando o OI passa a ocupar o lugar do OD, não há a queda da preposição, a menos que o OI assuma a forma de clítico¹³. Portanto, as marcas formais do fenômeno não são exatamente as mesmas nas duas línguas.

Givón menciona outros estudos feitos sobre a ordenação do OI nas línguas Sherpa (SOV) e Nez Perce (ordem-flexível) que mostram o OI promovido para o lugar do OD. Vejamos alguns exemplos (1988: 272):

- (3) Em Sherpa
(ti-gi) kitab-yi coxtsi-kha-la zax-sung
 (he-erg) book-obj table-on-dat put-perf
 'He put the book on the table.'

¹³ Em língua portuguesa o OI pode perder a preposição quando topicalizado em situações como 'Ele me disse que ia sair.', em que o OI apresenta-se como clítico e não como tônico.

(ti-gi) coxtsi-kha-la kitab-yi zax-sung
 (he-erg) table-on dat book -obj put-perf
 ‘He put on the table a book.’¹⁴

Em Sherpa não ocorre nenhuma mudança morfológica no OI e a preposição acompanha o movimento do constituinte.

(4) Em Nez Perce

haama-nm paa-?naxpayk-a a walas-na ?iniit-x
 men-erg 3/erg-bring-asp knifeDO lodge-to
 ‘The men brought the knife to the lodge.’

haama-nm paa-?naxpayk-oo-ya ?inii-ne wale
 men -erg verb-bring-loc-asp lodge-DO knife
 ‘The men brought to the lodge a knife.’

Já em Nez Perce, além do deslocamento, ocorre marcação morfológica no verbo.

O que há de comum nas duas línguas é o deslocamento do OI para o lugar do OD, mesmo fenômeno verificado no inglês.

Observamos que há uma coincidência nas afirmações feitas por Thompson e por Givón, isto é, para ambos o lugar logo à direita do verbo é ocupado por um constituinte que apresenta algumas características que são, prioritariamente, ser um recipiente/dativo que carrega consigo um feixe de propriedades de topicidade ([+animado], [+pronominal], [+específico], [+definido], [+curto], [+dado/ativado]).

¹⁴ No inglês, os objetos locativos tipicamente não-humanos aparecem 100% como OI. Givón (1993) ressalta também que os dativos/benefactivos aparecem em grande maioria em forma de pronomes anafóricos, enquanto os locativos aparecem em forma de SNs plenos.

5.2.2. Caracterização das variáveis

Nesta seção são considerados somente os casos em que ambos os constituintes OD e OI estão presentes e à direita do verbo, isso porque em língua inglesa, ao contrário da língua portuguesa, parece não existirem estratégias de apagamento que permitam que se deixe o OI não expresso, assim como o sujeito e o OD e, como já salientamos, nosso objetivo agora é comparar construções bi-transitivas nas duas línguas. As estruturas, portanto, em análise são:

(1) V-OD-OI

(...) o homem não queria dar mais carona pra nós. (FLP 02, L 912)

(2) V-OI-OD

(...) então trazia pra gente vinte pães. (FLP 02, L 747)

Para a análise das características do participante que ocupa a primeira posição pós-verbal foram considerados os mesmos fatores sintáticos, semânticos e discursivos controlados na seção anterior.

5.2.3. Descrição e análise dos resultados

O número de ocorrências de construções bi-transitivas consideradas na análise foi de 276, nas quais o OD e o OI aparecem expressos à direita do verbo, conforme se pode verificar na tabela 1.

TABELA 19. DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS - OI PROMOVIDO x NÃO-PROMOVIDO

↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não-promovido)		TOTAL
freqüência	%	freqüência	%	
110	40	166	60	276

Em 276 dados em que os dois argumentos estavam expressos, houve promoção do OI em 40% deles (110 casos) e não houve promoção em 60% (166 casos). Quase a metade das ocorrências de estruturas bi-transitivas apresenta, então, o OI promovido para a posição imediatamente pós-verbal. Comparando-se este resultado (40%) com os obtidos por Thompson (71%) e por Givón (84%) para o inglês, verifica-se que, apesar de o português apresentar uma freqüência relativamente alta de promoção, fica bastante aquém do inglês no que se refere ao tipo de construção em análise.

Cabe destacar que a tabela 19 inclui também dados com OD oracional, como o do exemplo:

(3) eu ia dizer *pra todo mundo que eles tinham me batido*.¹⁵ (FLP 01, L 320)

Considerando-se que o constituinte oracional apresenta geralmente um peso maior que o não oracional, é pertinente a seguinte indagação: qual seria a influência da presença de um OD oracional para a promoção do OI? Encontramos a resposta na tabela seguinte, que mostra a distribuição dos dados sem os ODs oracionais.

¹⁵ Todas as ocorrências com OD oracional aconteceram com verbos dicendi.

TABELA 20. DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS - OI PROMOVIDO x NÃO-PROMOVIDO (SEM OD ORACIONAL)

↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não promovido)		TOTAL
frequência	%	frequência	%	
11	6	166	94	177

O exemplo abaixo ilustra o tipo de construções aqui consideradas:

(4) (...) então trazia *pra gente vinte pães*. (FLP 02, L 747)

Os dados agora mostram que, excluídos os ODs oracionais (99 ocorrências), o índice de promoção do OI cai de 40% para 6% (11 ocorrências num total de 177). Assim, ao que tudo indica, a presença de um OD oracional (mais pesado) mostra-se um fator de grande motivação para a promoção do OI. Nesse caso, diríamos que a promoção do OI em português é fortemente motivada por um fator de natureza sintática, ou seja, pelo traço oracional do OD. Se isso for verdadeiro, pode-se dizer que o OI é promovido não porque carrega os traços de *topicworthiness*, mas sim porque o OD é oracional, e, como tal, tende a vir no final da construção.

Vale enfatizar que em estudos realizados tanto por Thompson quanto por Givón, não é feita referência a complementos oracionais, portanto supõe-se que os casos analisados em inglês não incluem as orações. Assim sendo, ao compararmos o comportamento das duas línguas no que tange à promoção do OI em estruturas com os dois complementos verbais expressos à direita do verbo, verificamos que elas apresentam um comportamento totalmente oposto: enquanto em inglês acontece promoção do OI em cerca de 80% dos casos, em português este fato se verifica em apenas 6% dos casos.

Observemos novamente a tabela 20. Se em 177 construções bi-transitivas analisadas há somente 11 casos de promoção do OI, isto significa que nas outras 166 construções o elemento que ocupa a primeira posição pós-verbal em português é o OD (94%), ou seja, o participante não dativo, diferentemente do inglês que traz o dativo para esta posição. Portanto, quando os dois complementos verbais estão expressos em português, o constituinte que ocupa a posição de tópico secundário é o OD, enquanto o OI recipiente/dativo permanece na segunda posição pós-verbal. Por que em português o comportamento é diferente é uma indagação que continuará orientando nossa análise no decorrer desta seção.

A partir desses resultados, poderíamos ainda nos perguntar se o feixe de propriedades de topicidade apontadas por Thompson como aquelas presentes na posição do tópico secundário (isto é, posição imediatamente pós-verbal), que no inglês estão associadas ao OI dativo, caracteriza em português o OD ou o OI, ou seja, o primeiro ou o segundo complemento codificado à direita do verbo. Dito de outro modo: seria o feixe de propriedades de topicidade que Thompson encontrou para caracterizar o participante que ocorre como tópico secundário, também característico da mesma posição em português? Ou tal feixe de propriedades se associa ao OI recipiente/dativo, independentemente da posição?

Para respondermos a estas questões, investigamos os traços associados à posição imediatamente pós-verbal, bem como aos constituintes OD e OI. As tabelas a seguir mostram separadamente os resultados relativos ao feixe de propriedades de topicidade.

5.2.3.1. Traços semânticos

Os dados foram codificados de acordo com os traços semânticos [+/- concreto] e [+/- animado], conforme exemplificado a seguir:

(5) + concreto

Então dá o cigarro pra ele dá. (FLP 04, L 160)

(6) - concreto

(...) aí ele deu a liberdade pra ele. (FLP 05, L 248)

(7) + animado

Os pais entregavam as filhas pra ela. (FLP 24, L 841)

(8) - animado

(...) até que ele fez uma casinha pra ela. (FLP 03, L 1060)

Os traços que caracterizam a primeira posição pós-verbal são mostrados a seguir.

TABELA 21. TRAÇO SEMÂNTICO DO CONSTITUINTE IMEDIATAMENTE PÓS-VERBAL

	Frequência	%
+ concreto	60	34
- concreto	117	66
TOTAL	177	100
+ animado	13	7
- animado	164	93
TOTAL	177	100

Os resultados da tabela mostram que a primeira posição pós-verbal é preferencialmente ocupada por um constituinte caracterizado semanticamente como sendo [- concreto] (66%) e [- animado] (93%).

Quanto ao traço semântico do OI, já mencionamos que os objetos dativos se caracterizam por ser um participante consciente no evento, tipicamente humano, mas não o iniciador deliberado; ou um participante em cujo benefício/malefício a ação é executada.

Conhecidos de antemão os traços semânticos do OI, buscamos saber quais as características do OD. É o que mostra a tabela 22.

TABELA 22 . TRAÇO SEMÂNTICO DO OD

	↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não promovido)		
	freqüência	%	freqüência	%	TOTAL
+ concreto	4	37	49	30	53
- concreto	7	63	117	70	124
TOTAL	11	---	166	---	177
+animado	Ø	Ø	2	2	2
- animado	11	100	164	98	175
TOTAL	11	---	166	---	177

Esta tabela nos permite as seguintes constatações adicionais: a) praticamente não existe OD [+ animado], apenas 2 em 177; b) o OD tende a ser [- concreto], em torno de 70%; c) não há diferenças nos traços semânticos do OD entre construções com o OI promovido ou não, já que em qualquer tipo de construção o OD tende a ser [- animado] e [- concreto].

Os resultados das tabelas 21 e 22 nos permitem as seguintes generalizações:

- a posição de tópico secundário em português é caracterizada pelos traços [- concreto] e [- animado];
- o argumento que ocupa esta posição é o OD (94% dos casos).

5.2.3.2. Traço sintático

Vejamos agora os resultados referentes ao traço sintático do elemento que ocupa a posição imediatamente pós-verbal.

TABELA 23. TRAÇO SINTÁTICO DO CONSTITUINTE IMEDIATAMENTE PÓS-VERBAL

	Frequência	%
SN	160	90
Pro	17	10
TOTAL	177	100

Como vemos na tabela 23, o traço sintático associado à posição de tópico secundário em português é SN (90%).

Desmembrando esses resultados entre os constituintes OD e OI temos o seguinte quadro, incluindo agora também as orações:

TABELA 24. TRAÇO SINTÁTICO DOS CONSTITUINTE

	TRAÇO DO OD					TRAÇO DO OI				
	↓		↓		TOTAL	↓		↓		TOTAL
	V-OI-OD (OI promovido)		V-OD-OI (OI não promovido)			V-OI-OD (OI promovido)		V-OD-OI (OI não promovido)		
freq.	%	freq.	%		freq.	%	freq.	%		
SN	10	90	158	95	168	2	18	66	41	68
PRO	1	10	8	5	9	9	82	98	59	107
TOTAL	11	100	166	100	177	11	100	164	100	175
OR.	99		∅			∅		2		2
TOTAL	110		276					166		177

Ao focalizarmos o traço sintático do OD excluindo as orações, vamos observar que no total de 177 dados, temos 168 ocorrências em que o OD é um SN. Dessas, 51 são SNs definidos; 53 são SNs indefinidos e 64 são SNs genéricos. Ao nos restringirmos aos casos

em que o OD permanece na primeira posição pós-verbal, verificamos que em 158 ocorrências (95%) dos casos o OD é um SN e em apenas 08 (5%) é um pronome. Vejam-se os exemplos para OD:

(9) SN definido

Que a Seleção Brasileira, antes da Copa, já estava brigando porque um não queria dar a gratificação pro cozinheiro. (FLP 02, L 427)

(10) SN indefinido

(...) ele nunca mais ia fazer uma pergunta daquela pra mim. (FLP 20, L 269)

(11) SN genérico

O pai dava liberdade pra gente. (FLP 04, L 278)

(12) pronome

(...) eles já ofereciam tudo pra gente. (FLP 04, L 653)

Focalizando agora o traço sintático do OI na tabela 24, observamos que dos 11 casos de promoção, em apenas 02 (18%), ele é um SN e em 09 (82%), ele é um pronome. Comparando na tabela as duas colunas relativas a OI promovido, verificamos que há uma distribuição complementar nos dados no que se refere ao traço sintático dos argumentos: enquanto o OI é pronome (82%), o OD é SN (90%). A estrutura preferencial com OI promovido é:

V OI OD
(pro) (SN)

Comparando agora as colunas referentes ao OI não promovido, constatamos que, enquanto o OD continua mantendo o traço de SN (95%), o OI perde em parte sua característica pronominal (de 82% passa para 59%). A estrutura típica para OI não promovido é:

V OD OI
(SN) (pro)

Assim, quanto ao perfil do recipiente (OI) no que diz respeito ao traço sintático, podemos afirmar que esse constituinte será em língua portuguesa, preferencialmente, um *pronome*, especialmente quando for promovido. Isso é o que apontam os índices de 82% e 59% na tabela 24.

Com relação ao constituinte oracional, este aparece categoricamente na segunda posição (99 ocorrências com OD e em apenas 02 como OI).

5.2.3.3. Peso do constituinte

Passemos, agora, à caracterização do peso do constituinte na posição de tópico secundário.

TABELA 25. PESO DO CONSTITUINTE IMEDIATAMENTE PÓS-VERBAL

	Frequência	%
até 3 síl.	90	51
4/6 síl.	59	33
6/10 síl.	26	15
+ de 10 síl.	2	1
TOTAL	177	100

Os resultados nitidamente apontam para o fato de que a posição logo após o verbo é ocupada por um constituinte com até 5 sílabas (84%), portanto, relativamente curto ou pouco extenso.

Abaixo apresentamos mais detalhadamente a caracterização dos constituintes com relação ao seu peso.

TABELA 26. PESO DOS CONSTITUINTES (COM ORAÇÕES)

PESO DO OD						PESO DO OI				
↓ V-OI-OD (OI promovido)			↓ V-OD-OI (OI não promovido)			↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não promovido)		
n° síl	freq.	%	freq.	%	TOTAL	freq.	%	freq.	%	TOTAL
até3	5	5	82	49	87	96	87	115	69	211
4/5	12	10	56	34	68	10	9	35	21	45
6/10	27	25	26	16	53	4	4	9	6	13
+10	66	60	2	1	68	∅	---	7	4	7
TOTAL	110	100	166	100	276	110	100	166	100	276

Com relação ao peso do OD, observamos uma distribuição inversamente proporcional nos dados: enquanto em segunda posição (OI promovido), este constituinte se distribui, hierarquicamente, de mais pesado (60%) para menos pesado (05%), em primeira posição (OI não promovido) a distribuição é inversamente proporcional, de menos pesado (49%) para mais pesado (01%).

Já no que tange ao peso do OI, a distribuição segue uma única direção: independentemente de sua posição, o índice mais alto de frequência é de constituinte menos pesado (87% e 69%) diminuindo gradativamente até o mais pesado (0% e 04%).

Esses resultados reforçam os mostrados na tabela 24, na medida em que o traço sintático oracional está associado ao OD em segunda posição (mais pesado) e o traço de SN, ao OD em primeira posição (menos pesado). Já em relação ao OI, ambas as posições, mais acentuadamente a primeira, estão associadas à forma pronominal (menos pesado).

Comparando as duas colunas de OI promovido, constatamos novamente uma distribuição complementar nos dados quanto ao peso dos constituintes: enquanto a distribuição do OI segue a direção do menos pesado (87%) para o mais pesado (0%), a

distribuição do OD segue o percurso inverso, do mais pesado (60%) para o menos pesado (05%).

Portanto, a tabela 26 reafirma as constatações anteriores, ou seja, ao observamos o peso do OD e o peso do OI, percebemos que aquele constituinte que ocupa a posição logo à direita do verbo é pouco extenso. Com relação ao peso do OD, observamos que 85% dos casos de promoção do OI apresentam um OD com mais de 6 sílabas (possivelmente ODs oracionais). Em contrapartida, 83% dos casos de não promoção apresentam um OD com até 5 sílabas, portanto, pouco extenso.

5.2.3.4. Status informacional

Outro fator analisado foi o status informacional dos constituintes. Vamos ver o que nos indica a tabela 27.

TABELA 27. STATUS INFORMACIONAL DO CONSTITUINTE IMEDIATAMENTE PÓS-VERBAL

	freqüência	%
[- novo]	163	92
[+ novo]	14	8
TOTAL	177	100

Sob o rótulo de [- novo] estão incluídos 82 referentes velhos (ou evocados) e 81 referentes inferíveis e disponíveis.

É possível caracterizar claramente o status informacional do referente codificado como primeiro constituinte pós-verbal: não novo. Esse resultado aparentemente entra em contradição com a literatura linguística que tem tratado de descrever o status informacional dos referentes no fluxo do discurso. Em vários estudos foi constatado que existe nas línguas um padrão preferencial de introdução de informação nova no discurso, que é justamente a posição pós-verbal, seja na função sintática de sujeito posposto de um verbo intransitivo, seja na função sintática de objeto direto de um verbo transitivo, (cf. DuBois, 1987; Gorski,

1985, entre outros). O detalhamento da tabela abaixo explicita melhor o status informacional associado ao OD e ao OI em nossos dados.

TABELA 28. STATUS INFORMACIONAL DOS CONSTITUINTES

STATUS INFORMACIONAL DO OD						STATUS INFORMACIONAL DO OI				
↓ V-OI-OD (OI promovido)			↓ V-OD-OI (OI não promovido)			↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não promovido)		
	freq.	%	freq.	%	TOTAL	freq.	%	freq.	%	TOTAL
velho	3	27	72	43	75	10	90	138	83	148
inf/disp	7	64	80	48	87	1	10	26	16	27
novo	1	9	14	9	15	∅	--	2	1	2
TOTAL	11		166		177	11		166		177

O que se verifica em nossos dados é que quando existe uma informação nova ela tende a ser introduzida imediatamente após o verbo (de 17 referentes novos, 14 são imediatamente pós-verbais); isso não implica, porém, que o reverso seja verdadeiro, ou seja, que todo referente pós-verbal tenda a ser novo.

Os resultados reafirmam o status não novo que caracteriza a primeira posição após o verbo ocupada pelo OD, já que os referentes inferíveis e disponíveis situam-se a meio caminho entre os novos (09%) e os velhos (43%), e associados a estes últimos, totalizam 91% dos dados.

Quanto ao status informacional do OI, os dados indiciam que não importa o movimento que ele possa fazer no escopo do SV, pois seu status será sempre mais velho, isto é, independentemente de estar mais ou menos próximo ao verbo no SV o OI será [-novo].

5.2.3.5. Pessoa do OI

Além dos fatores até aqui levantados, observamos ainda em que pessoa do discurso o OI se apresenta. É o que mostra a tabela 29.

TABELA 29. PESSOA DO OI

	↓ V-OI-OD (OI promovido)		↓ V-OD-OI (OI não promovido)		
	freqüência	%	freqüência	%	TOTAL
P1	5	46	22	14	27
P2	∅	---	7	4	7
P3	4	36	125	75	129
"a gente"	2	18	12	7	14
TOTAL	11	100	166	100	177

Vejamos alguns exemplos

(13) P1

O meu filho pode chegar e dizer pra mim: "Ah, pai, tens quinhentos cruzeiros no bolso."(FLP 02, L 503)

(14) P2

Agora, hoje, é como eu falei pra você, eu não sou enxergado por um lado melhor, que eu realmente não tenho o estudo.(FLP 02, L 224)

(15) P3

(...) porque um não queria dar a gratificação pro cozinheiro.(FLP 02, L 427)

(16) "a gente"

(...) eu lembro que o meu pai trazia pra gente (...) (FLP 02, L 745)

Se observarmos os casos de promoção do OI, percebemos que 46% deles estão representados pela 1ª pessoa (P1) do discurso, ou seja, estão centrados no falante. Mas se considerarmos que a expressão " a gente" traz consigo também a 1ª pessoa (eu) juntamente com uma outra (tu), então o percentual altera-se para 64%. Por outro lado, se observarmos os casos de não promoção do OI, percebemos que em 75% o OI aparece na 3ª pessoa (P3) do discurso. Assim, apesar de o número de ocorrências de OI promovido ser reduzido, pode-se aventar a possibilidade de que a pessoa do discurso seja um fator motivador para a promoção: OI em P1 é promovido e OI em P3 é não promovido.

5.2.3.6. Tipo de verbo

Uma variável não investigada por Givón nem por Thompson em seus estudos sobre o *dative shifting* no inglês, e que resolvemos controlar em nossa pesquisa, tem a ver com o item lexical do verbo, ou mais especificamente com o tipo de vínculo estabelecido entre o verbo e o complemento diretamente associado a ele. Foram encontradas, com certa frequência, construções lexicalizáveis, cristalizadas, ou semi-cristalizadas, nas quais o verbo e o complemento estão fortemente integrados. A expectativa a esse respeito é de que certas construções funcionem como uma unidade sintático-semântica indissociada, impedindo, portanto, a promoção do OI.

Os verbos foram categorizados a partir das formas mais recorrentes nos dados, conforme exemplos (8), (9), (10), (11), (12), (13), (14), (15), (16) na seção 5.1.

Os resultados para esse grupo de fatores são apresentados na tabela a seguir:

TABELA 30. TIPO DE VERBO DAS ESTRUTURAS BI-TRANSITIVAS (SEM ORAÇÕES)

Tipo de verbo	frequência	%
'dar'	58	32,8
benefactivo	30	16,9
'fazer'	28	15,9
outros	23	18,6
dicendi	14	7,9
movimento	14	7,9
TOTAL	177	100

A tabela acima registra os dados de construções bi-transitivas com os constituintes OD e OI codificados à direita do verbo, excluídas as orações. (O que se verifica em relação a estas últimas é que elas aparecem categoricamente com verbos dicendi.)

Como os verbos “dar” e “fazer” e alguns incluídos na categoria “outros” ocorrem em grande parte em combinações do tipo “dar uma surra”, “dar segurança”, “fazer queixa”, “fazer planos”, que se apresentam fortemente integradas, vemos a pertinência de se apontar o tipo de vínculo que se estabelece entre verbo e OD como um forte fator de restrição à promoção do OI. Na categoria “outros” aparecem 08 construções do tipo lexicalizável/cristalizado. Com o verbo “dar” temos 36 ocorrências e com o verbo “fazer”, 06 construções, totalizando 50 ocorrências de estruturas fortemente integradas, ou seja, em 28% dos 177 dados da tabela.

5.2.4. Conclusões parciais

Na introdução desta seção, três questões foram levantadas, relativas a: a) características do participante que ocupa a primeira posição pós-verbal; b) função sintática do participante que ocupa essa posição; c) fatores que motivam ou restringem a promoção do OI em construções bi-transitivas.

A partir do referencial teórico apresentado, outras questões indiretamente se colocaram como desdobramento das primeiras, quais sejam: a) o OI recipiente/dativo apresenta mais características de *topicworthiness* do que o OD paciente?; b) o OI que ocupa a primeira posição pós-verbal apresenta mais características de *topicworthiness* do que o OI em posição final?; c) a primeira posição pós-verbal é ocupada pelo participante que reúne mais características de *topicworthiness*?

Num primeiro momento, a análise dos dados no português falado mostra que:

(1) o participante codificado na posição imediatamente pós-verbal apresenta, preferencialmente, as características descritas a seguir. Quanto aos traços semânticos: [-animado] e [-concreto]; quanto ao traço sintático: [+SN]; quanto à extensão (peso): [+curto]; quanto ao status informacional: [-novo]. Tais características no geral não coincidem com aquelas apontadas no feixe de traços sugerido por Thompson para caracterizar essa posição, aqui rerepresentados: [+animado], [+específico], [+pronominal], [+próprio], [+velho] e [+curto]. Há uma aproximação apenas entre os dois últimos traços relativos à extensão do constituinte e ao status informacional. Pode-se afirmar, portanto, que o português e o inglês diferem quanto ao feixe de traços que caracteriza a posição de tópico secundário, ou seja, a primeira posição pós-verbal;

(2) a função sintática do participante que ocupa a primeira posição pós-verbal em português é de OD, ao passo que a função sintática do constituinte que ocupa essa posição no inglês é de OI. Tal constatação reforça a anterior, acentuando a diferença entre as línguas quanto à ordenação dos constituintes pós-verbais;

(3) entre os fatores que motivam a promoção do OI em português, temos o OD oracional que, possivelmente por ser mais pesado, ocupa a posição final na cláusula, e temos ainda a primeira pessoa do discurso associada ao OI. Como fator de restrição à promoção do OI, encontramos o tipo de verbo, ou melhor, o tipo de vínculo que se estabelece entre o verbo e o OD (construções cristalizadas).

Da discussão das três primeiras questões levantadas, a evidência maior que se coloca é que a ordem preferencial em português é V-OD-OI (já que há apenas 6% de ocorrências de OI promovido), em contraposição à ordem do inglês que é preferencialmente V-OI-OD (cuja promoção do OI situa-se entre 70 a 80%). Também as características associadas ao participante da primeira posição são distintas: em português a posição do tópico secundário não compartilha da maioria dos traços de topicidade, ao contrário do que ocorre no inglês.

Num segundo momento, com relação ao desdobramento dessas questões, vemos que o OI e o OD apresentam os seguintes traços, quando comparados entre si, independentemente da posição que ocupam:

OI = [+ animado], [+ concreto], [+ pronominal], [+ curto], [+ velho]

OD = [- animado], [- concreto], [- pronominal], [- curto], [- velho]

A aparente contradição na identificação dos dois últimos traços em relação à caracterização feita anteriormente (que mostrava os traços [+ curto] e [- novo] associados à posição imediatamente pós-verbal) deve-se a dois fatos: nesse segundo momento, a caracterização independe da posição e o OI está sendo comparado ao OD, ao passo que antes os traços eram associados à primeira posição pós-verbal e o que se comparava eram os fatores internos a cada um desses constituintes. Entenda-se, assim, que a maioria dos ODs imediatamente pós-verbais corresponde a constituintes pouco extensos, portanto [+ curtos]. Todavia, ao serem comparados com os OIs, independentemente da posição, verifica-se que estes últimos concentram-se mais na faixa de até três sílabas, enquanto que os primeiros também são freqüentes em segmentos maiores. Dessa forma, mantém-se a diferença apontada entre OI e OD quanto à extensão.

No que se refere ao status informacional, a categoria [- novo], que assinala a primeira posição pós-verbal, inclui referentes velhos e também os inferíveis e disponíveis. Entretanto, ao compararmos todos os ODs com todos os OIs quanto ao status informacional, verificamos que os referentes velhos concentram-se muito mais nos OIs (148 em 177) do que ODs (75 em 177); por outro lado, os referentes novos aparecem mais como OD (15 em 177) do que como OI (02 em 177). Assim, sustenta-se a diferença anteriormente indicada, isto é, OIs são mais velhos do que ODs.

Esses resultados corroboram os de Thompson (1988), ou seja, os recipientes/dativos (OIs) são mais animados, concretos, pronominais, curtos e velhos, do que os pacientes (ODs), portanto apresentam mais características de *topicworthiness*. Os traços [+ específico] e [+ próprio] apontados pela autora não foram diretamente controlados aqui.

A segunda constatação de Thompson, qual seja, a de que o OI que ocupa a primeira posição pós-verbal apresenta mais características de *topicworthiness* do que o OI em posição final, também foi praticamente ratificada em português. O OI imediatamente pós-verbal, em relação ao OI final, é mais velho (90% vs 83%), mais curto (87% vs 69%), mais pronominal (82% vs 59%) e mais 'específico' (64% vs 21%), neste último caso se considerarmos, indiretamente, a primeira pessoa do discurso como mais específica do que a terceira.

Já a terceira constatação de Thompson, a saber, a de que a primeira posição pós-verbal é ocupada pelo participante que reúne mais características de *topicworthiness*, não se verifica em português. Como mostrado anteriormente, a posição pós-verbal é preferencialmente ocupada pelo OD em português, justamente o constituinte que não se reveste do feixe de propriedades de topicidade. A única característica de tópico secundário é a posição imediatamente pós-verbal.

5.3. ACESSIBILIDADE E IMPORTÂNCIA : PARÂMETROS COGNITIVOS PARA MEDIR A ORDENAÇÃO DO OI

Preliminares

Na seção 5.1., ao fazermos referência às construções de topicalização, mencionamos sucintamente alguns parâmetros estabelecidos por Givón (1988 e 1989) para medir o grau de topicalização dos referentes na cláusula. Agora vamos explorá-los um pouco mais.

Segundo o autor, nas línguas em que há flexibilidade, a variação da ordem das palavras é motivada pelo princípio da urgência comunicativa, ou seja, “*atente em primeiro lugar para a tarefa mais urgente*” (Givón, 1988:252). Para analisar a topicidade dos referentes, o autor estabelece dois parâmetros: a acessibilidade/previsibilidade referencial e a importância/relevância temática. O primeiro (anafórico) envolve o acesso (identificação) ao referente em algum lugar do conhecimento previamente armazenado pelo ouvinte. No discurso, mecanismos gramaticais que são anaforicamente orientados instruem o ouvinte sobre como localizar o referente no seu modelo mental. O segundo (catafórico) envolve a sinalização da importância do referente no discurso subsequente. Nesse contexto, mecanismos gramaticais que são cataforicamente orientados instruem o ouvinte sobre quão importante é o referente a ser introduzido no seu modelo mental.

É com base nesses parâmetros discursivos que passamos a analisar a ordenação do OI em construções bi-transitivas e nos questionamos: (a) a informação menos acessível e, por conseguinte, mais urgente, tende a ser mais marcada no fluxo do discurso? (b) a embalagem da informação muda dependendo do grau de importância atribuído a este ou àquele referente pelo falante?

5.3.1. Referencial teórico

Entre as funções pragmático-discursivas codificadas pelas línguas e apontadas por Givón (1989:91-3; Zilles, 1992:45) estão as funções relacionadas à topicidade e referência. Essas funções estão focalizadas num dos princípios da teoria funcionalista, qual seja, no princípio da ordem linear. Esse princípio sustenta o seguinte:

(a) “*Informação mais importante ou urgente tende a ser colocada primeiro no fluxo.*”

(b) “*Informação menos acessível ou menos previsível tende a ser colocada primeiro no fluxo.*”

Para o autor, quando o processamento de uma informação exige maior atenção do falante/ouvinte, mais marcada essa informação será no fluxo do discurso, por ser menos previsível e menos acessível, portanto, mais urgente de ser apresentada por primeiro no discurso.

Para dar conta desse princípio e estabelecer algumas tendências que dizem respeito à posição da informação no enunciado, o autor propõe dois parâmetros: um relacionado à *acessibilidade referencial* e outro à *importância temática*.

A *acessibilidade referencial* é definida em termos *anafóricos* (Givón, 1988:248) e corresponde à possibilidade de identificação do referente pelo falante/ouvinte em algum lugar de seu conhecimento prévio estocado. Portanto, ao falarmos em *acessibilidade referencial* estamos pensando no foco da atenção do interlocutor buscando saber se ele tem ou não estocado na memória determinado referente.

A metodologia sugerida pelo autor (id.ibid) para quantificar a previsibilidade/acessibilidade da informação é a seguinte:

a. Distância Referencial (DR) , ou seja, o número de orações intercorrentes entre a última menção do referente e o referente em questão.

b. Interferência Potencial (IP), ou seja, o número de referentes semanticamente compatíveis encontrados nas três orações precedentes à oração em exame.

Para determinar o valor da *Distância Referencial*, Givón (1984: 492) estabelece um valor máximo de 20 orações precedentes à menção em análise, por considerar que a extensão média do parágrafo temático numa narrativa está entre 10-20 orações. Com relação à *DR* podemos afirmar que quanto maior for a sua medida, menos previsível é o referente, e quanto menos previsível o referente , mais urgente sua referência, isto é, maior a possibilidade de ocupar um lugar mais à esquerda no enunciado.

O valor da Interferência Potencial é calculado com base em três orações precedentes ao dado em análise, contando-se os referentes com características compatíveis ao que está sendo analisado, com vistas a avaliar a influência de possíveis ambigüidades. (Esta medida não foi considerada em nossa análise.)

Enquanto o primeiro componente da topicidade é definido em termos *anafóricos*, o segundo, *a importância temática ou relevância temática*, é definido em termos *catafóricos*. Considerar um referente mais ou menos importante no contexto discursivo subsequente depende, segundo Givón, do julgamento que o falante faz sobre as informações que, em princípio, o ouvinte deve ser capaz de captar(*apud* Zilles, 1992:52). Aqui a atenção é dirigida para o falante, observando o que este considera mais importante no discurso e como ele "embala" ou como ele apresenta essa informação para que o seu interlocutor entenda-a como importante.

Para quantificar a importância da informação o autor (1988: 248) propõe a seguinte medida catafórica:

c. Persistência do tópico (PT), ou seja, o número de recorrências do referente nas 10 orações subsequentes a sua introdução

A Persistência Tópica verifica por quanto tempo um referente permanece no discurso posterior desde a sua entrada. Cabe ressaltar que, embora o autor tenha estabelecido um número de 10 orações para analisar a recorrência de um tópico, nesse trabalho consideramos um escopo de 20 orações subsequentes, até mesmo para manter o paralelismo com a medida anafórica, mencionada anteriormente.

Além dessa medida, o autor aponta outros três modos de acessar a importância do tópico: o julgamento intuitivo, a frequência de menção e medidas psicométricas. Daremos ênfase à persistência tópica em função de sua utilização em nossa investigação.

Tais colocações nos mostram que quanto mais importância é dada a uma informação mais chances ela terá de ocupar uma posição mais à esquerda do enunciado. Quando um enunciado contiver mais de um participante - OD e OI, por exemplo, a ordem de apresentação de um ou de outro primeiro no fluxo do discurso demonstra a sua importância.

Como já mencionamos, os parâmetros *acessibilidade/previsibilidade referencial* e *importância/relevância temática* foram estabelecidos para dar conta de um princípio geral apontado por Givón (1988: 252), que é

“atente em primeiro lugar para a tarefa mais urgente”.

Isso significa dizer que a variação ou a escolha da ordem das palavras, em línguas onde há flexibilidade, é motivada por um princípio de natureza perceptual, isto é, depende do julgamento que o falante faz sobre as informações a serem processadas. Caso julgue a informação importante, o falante, no momento de ordenar as palavras no seu discurso, vai dar mais atenção àquela informação e estrategicamente vai codificá-la mais salientemente e apresentá-la por primeiro no fluxo discursivo, ou seja, mais à esquerda do enunciado.

Em termos de acessibilidade a informação mais previsível, mais acessível tenderá a ser posposta no fluxo do discurso, ou seja, virá mais à direita do enunciado; por outro lado, informação menos previsível, menos acessível tenderá a ser anteposta, movida para a esquerda, ou seja, será mais topicalizada.

Foi baseando-se no modelo teórico proposto por esse autor, mais especificamente nos parâmetros acima citados, que Zilles (1992) estudou o uso da variação de ordem de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos em língua portuguesa. Em sua pesquisa constatou *que a ordem SV em português está associada a uma estratégia de mudança/contraste de tópico, modificando a concepção de que essa ordem, mais neutra em línguas SVO, estivesse relacionada, necessariamente, com a noção de tópico como informação velha/dada. Paralelamente, a ordem VS pode ser adequadamente relacionada com tópicos menos importantes e/ou mais previsíveis. Já a construção OV foi relacionada fundamentalmente com o caráter contrastivo ou enfático do tópico assim codificado, tendendo a constituir reiteração de informação presente no contexto discursivo anterior ou no contexto situacional (Zilles, 1992:390).*

Embora esses fatores tenham se mostrado adequados à análise dos dados, a autora faz uma ressalva quanto à possibilidade de operar independentemente ou não com esses dois parâmetros funcionais, pois em situações em que os valores desses parâmetros entraram em conflito, houve certa dificuldade. Sugere, então, a necessidade de refinar mais os fatores envolvidos em cada parâmetro e a busca de novas formas de testá-los isoladamente. (cf. p 394.)

5.3.2. Caracterização das variáveis

A análise se deu em duas etapas:

a) num primeiro momento, considerou-se como variável de referência o *apagamento vs não apagamento* do OD e do OI:

- não apagamento

V-OD-OI

V-OI-OD

OI-V-OD

OI-SUJ-V-OD

- apagamento do OD

V-OI

OI-V

- apagamento do OI

V-OD

OD-V

b) num segundo momento, considerou-se como variável de referência a *topicalização vs não topicalização* do OI, a exemplo do que foi feito na seção 5.1.

Abaixo ilustramos as construções consideradas nessa seção.

(V-OI- Ø)

(1) (...) Ela foi lá, contou pro pai e pra mãe. (FLP 20, L 1075)

(V-OI-OD)

(2) Você tem que trazer pra mim o problema. (FLP 04, L 1134)

(OI-V-OD)

(3) E me ensinaram chá caseiro, noz moscada, assim, com cachaça. (FPL 20, L 1025)

(OI-SUJ-V-OD)

(4) Às minhas primas mais velhas, eu dava a benção. (FLP 08, L 824)

(OI-V-Ø)

(5) Só na hora que ele me deu. (FLP 17, L 780)

(V-OD- Ø)

(6) (...) não quis dar o dinheiro. (FLP 04, L 316)

(OD-V- Ø)

(7) (...) porque almoco eles não davam. (FLP 02, L 867)

(V-OD-OI)

(8) Ai eu passei as informações pro médico. (FLP 20, L780)

Os grupos de fatores controlados para verificar as construções de topicalização e a promoção do OI foram novamente mantidos nesta seção, acrescidos dos grupos acessibilidade referencial e importância temática. O pacote estatístico VARBRUL foi utilizado para cálculo de pesos relativos.

Num escopo de 20 orações anteriores ao dado focalizado foram consideradas as seguintes situações para quantificar a *acessibilidade referencial* tanto do OD quanto do OI:

- (a) se o referente (OD ou OI) não aparece;
- (b) se o referente aparece apagado (todos os referentes devem estar apagados);
- (c) se o referente aparece na 1ª oração anterior, ou na 2ª oração, ou na 3ª e assim consecutivamente até a 9ª oração anterior;
- (d) se o referente aparece entre a 10ª e a 20ª oração;

- (e) *se o referente aparece fragmentado;*
- (f) *nos casos em que o referente apresenta um status informacional inferível, disponível ou novo esse parâmetro não foi aplicado.*

Vejamos uma ilustração correspondente à situação (c) (6ª oração) para **OD**:

(9)

Eu já vi tendo comentários que o pessoal, relamente, que tem dinheiro, está com o dinheiro aplicado fora do Brasil. Mas se está também, se baixar, pra nós vai ser bom. Que se tu estavas com dinheiro, também tu não estavas precisando. Ou tu aplicavas no Over pra tu teres um pouquinho de dinheiro a mais, ou tu poupavas, também. Eu acho que não estava resolvendo, só com dinheiro aplicado, e não conseguias cobrir. Eu ganhei **uma geladeira**, agora, do irmão do Jair - Fevereiro. Ele veio passar as férias aqui, e como ele mora em Chapecó, o Jair que cuida dos negócios dele aqui. E o Jair tinha feito aniversário, e ele resolveu e mandou **a geladeira** pro Jair. (FPL 20, 588-603)

Vejamos uma ilustração correspondente à situação (c) (1ª oração) para **OI**:

(10)

(...) disse pra ele que queria mostrar ela. Perguntei se ele queria ver, ele disse que sim. Que dentro de quinze minutos, ele estava lá no Hospital Infantil. E realmente foi. Aí ele me perguntou como é que tinha sido meu parto, bem interessado. Aí ele disse que tudo que eu precisasse, financeiramente, eu podia procurar ele, né? Aí eu falei pra ele que não. financeiramente a ão. financeiramente a **Rafaela** não estava precisando de nada. O que ela estava precisando era de amor de pai que ela não teve. Aí ele disse: “Então, tá. Toda oportunidade que tu tiveres de me mostrar, tu me mostras.” Aí **a Rafaela**, coitada, tinha médico todo mês. Todo mês eu arrumava médico **pra Rafaela**. (FPL 20, L 150-156)

Abaixo apresentamos um exemplo para a situação (b) (todos os referentes anteriores apagados) para o referente **OD**:

(11)

Aí eu pedi pra Helena que fosse contar **Ø**, mas antes tive que contar **Ø**. Daí, falar com a família do Jair pra ele irem falar com ele na praia, porque tinham ido tudo pra praia. Eu sei que ele disse que não casava, que não estava preparado, que não era isso que ele queria, e que não ia casar. Aí eu fui saber da resposta primeiro antes de contar **Ø** pra mãe, né? Aí ele disse pra mim que não ia casar com ninguém, e eu chorando. Eu e ela. Ela chorava junto. Bem, assim. Se eu sorria, ela sorria, se eu chorava, ela chorava. Aí pegamos, contamos **Ø** pra mãe dela primeiro. Aí a mãe dela foi *lá* contar **Ø** pra minha.

No extrato acima, cujo dado em análise apresenta a construção (V-OI-Ø), o OD aparece apagado todas as vezes em que foi feita menção a ele no raio de 20 orações. O dado pode ser recuperado por já ter aparecido dentro do parágrafo temático.

O exemplo abaixo ilustra uma situação em que o referente **OD** aparece fragmentado no texto anterior.

(12)

(...) mas ele insistiu e disse: “Olha, tem uma equipe de São Paulo lá, do professor Odair Pedroso, se for necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um curso.” Então eu disse: “**Se é assim, se desejam assim, eu posso tentar.**”(…) (FLP 21, L 267)

Para medir a *importância temática* tanto do OD quanto do OI foi quantificado o número de vezes que foi feita menção ao referente nas 20 orações subseqüentes não importando a função em que se encontrava ou se estava proeminente ou não¹⁶. Nos casos em que ora o referente estava apagado, ora estava explícito, consideraram-se ambas as situações para a quantificação do mesmo referente, ou seja, contaram-se os referentes explícitos e os não explícitos, uma vez que são recuperáveis pelo contexto.

Num escopo de 20 orações posteriores ao dado focalizado foram consideradas as seguintes situações para quantificar a *importância temática* tanto do OD quanto do OI:

- (a) *se o referente não aparece mais no escopo das 20 orações posteriores;*
- (b) *se o referente aparece apagado (referentes explícitos e não explícitos);*
- (c) *se o referente aparece 1 vez, ou 2 vezes, ou 3 vezes assim consecutivamente até 9 vezes nas orações seguintes;*
- (d) *se o referente aparece mais de 10 vezes;*
- (e) *se o referente aparece fragmentado;*
- (f) *nos casos em que o referente apresenta um status informacional inferível, disponível ou novo esse parâmetro não foi aplicado.*

¹⁶ Optamos, embora sabendo-se de algumas restrições, por desconsiderar se o referente ora aparecia como tópico primário, ora como tópico secundário no escopo em análise.

Vejamos alguns exemplos:

- para a situação **(c)** em que o referente **OD** aparece citado **duas vezes** no texto posterior:

(13)

Eu ganhei **uma geladeira**, agora, do irmão do Jair. Fevereiro. Ele veio passar as férias aqui, e como ele mora em Chapecó, o Jair que cuida dos negócios dele aqui. E o Jair tinha feito aniversário, e ele resolveu e mandou **a geladeira** pro Jair. Altos presentes! Na época estava dois mil cruzados, em janeiro. **Ela** está noventa, hoje. Questão de dois meses.(...) (FLP 20, L 598-607)

- para um referente **OD** considerado **fragmentado** no texto posterior:

(14)

(...) e inclusive até pedimos **sugestões** também ao secretário se não era o caso de **tentar junto ao Congresso Nacional e ao Ministério das Forças Armadas**, que isso viesse a se formar. Que eu me lembro, antigamente, até quando era garoto ainda, que em Florianópolis, na pacata Florianópolis daquela época, **existia patrulha com soldado da Marinha, Aeronáutica e o do Exército e da Polícia Militar**. (FLP 21, L635)

- para um referente **OD** considerado **apagado**:

(15)

(...) a Rafaela ainda é grande, a roupa não vai precisar de passar pra outra, né? Até que a gente costuma muito usar aqui, de uma família passar (*) pra outra, de uma prima que não serve, passa (*) pra outra. Mas mesmo assim, as minhas são mais cheinhas, as (*) das outras não passam, né? E esse plano (...) (FLP 20, 543-548)

5.3.3. Descrição e análise dos resultados.

Face ao exposto quanto à acessibilidade referencial e importância temática, nossa expectativa em relação aos dados em análise é a seguinte:

a) quanto ao *apagamento* de OD e OI, espera-se a correlação:

mais acessível <----> mais apagado

b) quanto à *ordem* do OI, espera-se a correlação:

menos acessível <---> mais topicalizado

mais importante <---> mais topicalizado

c) quanto à *relação* de OD e OI, espera-se que:

- o mais importante topicalize mais

- o menos acessível topicalize mais

5.3.3.1. Distância referencial e apagamento de OD e OI

Analisemos então o apagamento. Estão computados na tabela abaixo os dados de OD e de OI cujos referentes aparecem explicitados no contexto discursivo precedente, com o intuito de medir a influência da acessibilidade referencial no apagamento de cada um dos objetos. Com referência prévia no discurso temos 284 ocorrências de OD e 570 ocorrências de OI. Os dados sem referência prévia não foram considerados no cálculo abaixo.

TABELA 31 - DISTÂNCIA REFERENCIAL E APAGAMENTO DE OD E DE OI¹⁷

	Só OD apagado		Só OI apagado	
	Total/apl.	%	Total/apl.	%
1 a 3 or.	131/36	27	386/147	38
4 a 9 or.	58/15	26	107/32	30
+ de 9 or.	70/8	11	77/14	18
fragment.	25/1	04	-----	----
TOTAL	284/54	19	570/193	34

Dos resultados acima emergem as seguintes constatações: embora no geral o OD apague menos (19%) do que o OI (34%), ambos comportam-se de modo similar quanto à frequência de apagamento em relação à distância referencial: a anáfora zero é mais freqüente quando a última menção referencial encontra-se num escopo de 1 a 3 orações precedentes, diminuindo gradativamente sua frequência à medida que a distância referencial aumenta. Esse resultado corresponde à nossa expectativa: quanto maior a acessibilidade referencial, maior a possibilidade de apagamento, e vice-versa.

5.3.3.2. Distância referencial / persistência tópica e topicalização do OI

Passemos, agora, à análise das correlações esperadas quanto ao OI: menor acessibilidade/ maior topicalização; maior importância/ maior topicalização.

Como nosso foco de atenção dirige-se à topicalização do OI, nesta etapa excluem-se dos dados os apagamentos, os casos de topicalização do OD e os casos de duplo deslocamento.

Foram testadas as variáveis independentes *distância referencial* e *persistência do tópico do OI*, variáveis que operacionalizam respectivamente os parâmetros acessibilidade referencial e importância temática. Ambas mostraram-se estatisticamente significativas quanto à topicalização do OI. Começemos com a primeira.

¹⁷ Os dados foram amalgamados de modo a evidenciar curta, média e longa distância.

TABELA 32 - DISTÂNCIA REFERENCIAL E TOPICALIZAÇÃO DO OI

	Frequência		PR
	Total/apl.	%	
1 a 3 or.	215/132	61	.54
4 a 9 or.	60/27	45	.39
+ de 9 or.	50/36	72	.68
1ª menção	33/8	24	.21
TOTAL	358/203	57	

Os resultados contemplam apenas em parte nossas expectativas, especificamente o fator + de 9 orações, que influencia fortemente a topicalização (.68), evidenciando que menor acessibilidade provoca o deslocamento do referente para a esquerda. No entanto, o resultado é oposto em relação ao fator 1ª menção (.21), que representa referentes que estão entrando no discurso, portanto não dados textual ou pragmaticamente, ou seja, não previsíveis, ou pelo menos pouco previsíveis. Nesse caso, era esperado um peso relativo mais alto para a topicalização. Por outro lado, a maior acessibilidade associada à curta distância referencial mostra um peso relativamente alto (.54) para topicalização, contrariando a expectativa em relação a esse fator.

Uma tabulação cruzada entre distância referencial e pessoa gramatical do OI talvez ajude a esclarecer esses resultados. Veja-se a tabela abaixo.

TABELA 33 - CRUZAMENTO ENTRE DISTÂNCIA REFERENCIAL E PESSOA DO OI PARA TOPICALIZAÇÃO

	P1		P2		P3		'a gente'		TOTAL	
	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	TOTAL	%
1 a 3 or.	99/81	82	11/6	55	94/42	45	11/3	27	215/132	61
4 a 9 or.	16/14	88	5/4	80	35/9	26	4/0	0	60/27	45
+ de 9 or.	6/4	67	23/22	96	21/10	48	0/0	0	50/36	72
1ª menção	0/0	0	0/0	0	33/8	24	0/0	0	33/8	24
TOTAL	121/99	82	39/32	82	183/69	38	15/3	20	358/203	57

Os números mostram que existe uma forte correlação entre topicalização e pessoa do OI. A primeira pessoa do discurso é topicalizada independentemente da distância referencial de sua menção prévia: 82% a curta distância, 88% a média distância e 67% a longa distância; a segunda pessoa também tende a ser topicalizada, especialmente a média e longa distância (80% e 96%, respectivamente); já a terceira pessoa topicaliza pouco, não chegando nunca a 50% dos dados; e 'a gente' topicaliza ainda menos, apenas em 27% de ocorrências.

Comparando os resultados das duas últimas tabelas, verifica-se que a alta taxa de topicalização do OI associada a maior distância referencial deve-se especialmente a P2 (22 das 36 topicalizações = 61%), enquanto a topicalização associada a menor distância referencial deve-se a P1 (81 das 132 topicalizações = 61%); já a não topicalização verificada a média distância mostra forte correlação com P3 que concentra 35 das 60 ocorrências deste fator, com apenas 26% de topicalização; a 1ª menção, por sua vez, também é categoricamente de P3 e topicaliza em apenas 24% dos casos.

Assim, explicam-se as aparentes contradições detectadas na tabela 32. A assimetria verificada entre distância referencial e topicalização, no sentido de que curta e longa distância favorecem a topicalização do OI, enquanto que média distância e 1ª menção referencial desfavorecem, sofre forte interferência da pessoa do OI: os referentes de P1 e P2 que correspondem aos interlocutores da situação comunicativa são preferencialmente codificados de forma topicalizada em oposição aos referentes de P3 que, por remeterem aos participantes sobre os quais se fala, ficam naturalmente mais distanciados do eixo comunicativo. Nesse caso, pode-se dizer que não há, nos dados analisados, uma relação direta entre grau de acessibilidade referencial e grau de topicalização, conforme preconiza Givón em seu princípio pragmático da ordem linear.

Por um lado, os participantes do ato comunicativo (eu/tu) estão naturalmente acessíveis como dados no contexto pragmático ainda que não referidos explicitamente no discurso, mesmo assim são fortemente topicalizados. Por outro lado, os participantes de terceira pessoa, especialmente quando incluem as primeiras menções referenciais que, por natureza, são não velhas, não topicalizam. Não se verifica, portanto, a atuação do parâmetro acessibilidade referencial na ordenação do OI.

Passemos agora ao parâmetro *importância temática*.

TABELA 34 - PERSISTÊNCIA DO TÓPICO E TOPICALIZAÇÃO DO OI¹⁸

	Frequência Total/apl.	%	PR
1 vez ou 0	117/59	50	.47
2 a 6 vezes	99/53	54	.45
+ de 6 vezes	142/91	64	.56
TOTAL	358/203	57	

Quanto maior é o número de vezes que o referente é retomado no discurso subsequente à menção em análise, maior é a inclinação para a topicalização do OI (.56). Por outro lado, retomadas em menor número estão associadas a uma quantidade menor de topicalização (em torno de .45). Esses resultados, embora não polarizados, corroboram nossa expectativa no que concerne à correlação entre importância temática e topicalização.

O mesmo tratamento dispensado à variável relativa à acessibilidade referencial foi dado à variável agora analisada. Realizou-se uma tabulação cruzada entre persistência tópica e pessoa do OI em busca de uma possível interferência. Os resultados encontram-se na tabela abaixo.

TABELA 35 - CRUZAMENTO ENTRE PERSISTÊNCIA DO TÓPICO E PESSOA DO OI PARA TOPICALIZAÇÃO

	P1		P2		P3		'a gente'		TOTAL	
	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	T/apl.	%	TOTAL	%
1 vez ou 0	6/5	83	23/23	100	87/31	36	1/0	0	117/59	50
2 a 6 vez.	33/23	70	6/5	83	55/23	42	5/2	40	99/53	54
+de 6 vez.	82/71	87	10/4	40	41/15	37	9/1	11	142/91	64
TOTAL	121/99	82	39/32	82	183/69	38	15/3	20	358/203	57

¹⁸ O primeiro fator da tabela inclui as retomadas únicas, os apagamentos e as não retomadas nas 20 orações subsequentes.

Novamente constatamos o poder de P1 e de P2 para a topicalização. A permanência ou não do referente no discurso quando se trata de P1 é irrelevante para sua topicalização: a primeira pessoa tende a ser topicalizada (82% do total de ocorrências com P1), independentemente de perdurar poucas ou muitas vezes no discurso subsequente. Já P2, embora também topicalize em 82% de suas ocorrências, distribui-se em sentido inverso ao número de vezes que permanece no discurso, de 100% de topicalização com poucas retomadas a 40% com muitas retomadas, comportamento este diferente do esperado. E P3, que apresenta o maior número de ocorrências (183 em 358 = 51% do total de dados), não mostra inclinação para topicalização, mantendo-se no geral com 62% de não deslocamento.

Esses resultados apontam para a interferência da pessoa do discurso na atuação do princípio pragmático da ordem linear no que se refere à importância temática. Novamente constatamos que as pessoas dos interlocutores, especialmente o falante, naturalmente relevantes no contexto comunicativo das entrevistas, são propensas à topicalização, independentemente de terem sido mencionadas ou não no discurso imediato precedente, ou de serem explicitamente retomadas ou não no discurso seguinte. Como P1 e P2 são pragmaticamente dadas, a expressão lingüística que as reveste é muitas vezes redundante, portanto dispensável. Assim, podemos interpretar a topicalização de P1, e em menor grau de P2, como evidência de sua importância no discurso, mesmo que esta importância não apareça materializada em número de menções subsequentes.

Vemos comprovar-se, em parte, a previsão de Givón (1988:273) de que quando previsibilidade e importância entram em conflito, ganha o parâmetro de importância temática.

5.3.3.3. Distância referencial/ persistência tópica e posição do OD e do OI

Quanto à ordenação de OD e OI, espera-se que o menos acessível e o mais importante dos dois participantes ocupe a posição mais à esquerda na cláusula.

Testamos a ordenação dos participantes objetos nas ocorrências de 1ª menção (342 dados de OD e 56 de OI). Do total de dados analisados (626), em mais da metade o OD da construção bi-transitiva entra sem referência prévia no discurso, portanto associado ao status inferível, disponível ou novo; nessa mesma situação o OI aparece apenas em 8% dos dados analisados. Em decorrência dessa constatação, com base no parâmetro da acessibilidade referencial seria legítimo pressupor o seguinte: o OI entra quase que categoricamente como velho na construção bi-transitiva, logo é mais previsível, portanto menos topicalizável em termos de previsibilidade associada ao status informacional. Já o OD, entrando preferencialmente como não velho nas construções bi-transitivas, torna-se naturalmente menos previsível/acessível, daí a expectativa de que se mantenha como tópico secundário, sem demção. Assim, o parâmetro da acessibilidade referencial atuaria no sentido de manter a ordem V-OD-OI, sem deslocamento do OI já que haveria uma correlação entre maior previsibilidade/ maior acessibilidade referencial/ menor topicalização.

Para testar a hipótese acima foi efetuada uma rodada só com 1ª menção de OD e de OI, tomando-se como variável de referência a topicalização ou não do OI (foram excluídos os casos de apagamento, de topicalização do OD e OD oracional). Os resultados aparecem abaixo.

TABELA 36 - TOPICALIZAÇÃO DO OI EM DADOS DE 1ª MENÇÃO REFERENCIAL

	Total/apl.	%
1ª menção de OD	130/40	31
1ª menção de OI	27/2	07

Os números acima confirmam em parte as expectativas, pois enquanto o OD sem referência prévia restringe o deslocamento do OI conforme esperado, o OI sem referência prévia não se topicaliza, comportando-se diferentemente do esperado. Novamente se corrobora a não atuação do parâmetro acessibilidade referencial quanto ao deslocamento do OI.

Quanto à importância temática, a expectativa seria que o referente que entra pela primeira vez no discurso será codificado de acordo com o grau de importância associado a ele. Assim, o que mais perdura no discurso ocuparia a posição mais à esquerda no enunciado. Uma tabulação cruzada entre 1ª menção do OD e do OI e persistência catafórica mostra o seguinte resultado.

TABELA 37- CRUZAMENTO ENTRE PERSISTÊNCIA DO TÓPICO E 1ª MENÇÃO DO OD E DO OI PARA TOPICALIZAÇÃO

	1ª menção de OD		1ª menção de OI	
	Total/apl.	%	Total/apl.	%
1 vez ou 0	110/32	29	23/1	4
2 a 6 vezes	18/6	33	3/1	33
+ de 6 vezes	2/2	100	1/0	0
TOTAL	130/40	31	27/2	7

O dado revelador da tabela acima diz respeito a não permanência no discurso dos referentes que são introduzidos na função sintática de OD e de OI nas construções bi-transitivas. Tanto no caso do OD como no caso do OI, em 85% das ocorrências de 1ª menção o referente é retomado apenas uma vez ou nem aparece mais nas vinte orações subsequentes (110 dados de OD e 23 de OI). O OI que não permanece é quase que categoricamente não topicalizado (4%).

O percentual de topicalização do OI sobe para 33% quando aumenta o número de vezes que seu referente se mantém no discurso, entretanto se anula justamente quando se revela mais importante (permanecendo mais de seis vezes).

A importância temática funciona ao contrário com o OD, ou seja, à medida que o referente do OD permanece o OI também se topicaliza, o que não era esperado, já que OD importante deveria se manter em sua posição de tópico secundário.

Assim, percebemos a atuação do parâmetro importância temática em relação ao OI, no sentido de influenciar mais a topicalização daquilo que é importante. Por outro lado, este mesmo parâmetro não se aplica ao OD, pois quanto mais este participante se revela importante menos restringe a topicalização do OI.

5.3.4. Conclusões parciais

Os resultados apresentados nesta seção indicam que os parâmetros de acessibilidade referencial e importância temática não mostram a mesma força de atuação no que tange a estratégias de codificação do OD e do OI. As correlações esperadas efetivaram-se em parte, conforme retomado abaixo:

a) quanto maior a acessibilidade referencial, isto é, quanto menor a distância entre uma menção e outra, maior a possibilidade de apagamento tanto de OD como de OI, e vice-versa;

b) a acessibilidade referencial não atua sobre a topicalização do OI no sentido de o referente menos acessível ser mais topicalizado;

c) a topicalização do OI é influenciada pela importância temática atribuída aos participantes que são os interlocutores da situação discursiva, especialmente o informante;

d) como decorrência de (b) e (c) pode-se dizer que os dois parâmetros competem entre si, sendo vencedor o da importância temática, no caso da topicalização do OI.

e) a acessibilidade atua mais sobre o OD do que sobre o OI: OD menos previsível restringe o deslocamento do OI; mas OI menos previsível **não** se desloca;

f) comparativamente, a importância temática atua mais sobre o OI do que sobre o OD: OI mais importante topicaliza mais, já OD mais importante **não** restringe o deslocamento do OI.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos, neste momento, as principais questões discutidas bem como as conclusões que já foram delineadas no final de cada seção.

(i) No que se refere à estrutura argumental preferida, nossa hipótese geral, de que as construções bi-transitivas fossem preferencialmente codificadas em português com um argumento expreso e outro apagado, não se confirmou, já que o padrão estrutural predominante é V-OD-OI com os dois argumentos realizados. A forma preferida é de SN ou oração para o OD e de pronome para o OI, apresentando-se o primeiro como [-animado] e [-concreto], e aquele que codifica a informação nova. No caso de apagamento, o OI está mais sujeito a este processo do que o OD.

(ii) Quanto ao contexto discursivo mais favorável à topicalização do OI, mostram-se relevantes os fatores pertinentes à pessoa e à forma desse constituinte: o OI se desloca preferencialmente como clítico de primeira pessoa, sendo que SNs em terceira pessoa são pouco sujeitos à topicalização.

Verificam-se, ainda, dois tipos de verbos que são mais recorrentes nos dados: verbos ‘dicendi’, para os casos em que há OD oracional e, verbo ‘dar’ para as demais ocorrências. Em ambos os tipos de estrutura o OD pesado aparece posposto ao OI; quando oracional, é categoricamente demovido.

(iii) No caso específico de promoção do OI, o fator motivador por excelência é a primeira pessoa do discurso (*para mim*); como restrição à promoção temos o forte vínculo de integração estabelecido entre verbo e OD em construções relativamente cristalizadas.

Comparativamente ao inglês, constata-se que em ambas as línguas o OI caracteriza-se positivamente quanto aos traços: animado, concreto, pronominal, curto e velho, carregando portanto mais características de topicidade. Estes traços estão mais presentes no OI imediatamente pós-verbal do que no OI final. No entanto, diferentemente do inglês, o OI

tende a permanecer em posição final na cláusula em português. Portanto, mesmo carregando o feixe de traços de topicidade, na maioria das vezes não se topicaliza.

(iv) No que diz respeito ao papel da acessibilidade referencial e importância temática, constata-se que os dois parâmetros competem entre si: enquanto o primeiro atua mais sobre o OD (OD menos previsível restringe o deslocamento do OI, enquanto OI menos previsível não se topicaliza), o segundo mostra seu poder de atuação em relação ao OI (OI mais importante topicaliza mais, enquanto OD mais importante não restringe o deslocamento do OI).

Os resultados apontados acima evidenciam motivações de naturezas distintas em competição: (1) de um lado, participantes dativos que são importantes no discurso, notadamente os interlocutores da situação comunicativa, tendem a ser topicalizados; nesse caso, atua o parâmetro da importância temática e o fenômeno pode ser explicado pelo princípio pragmático da ordem linear: “informação mais importante tende a ser codificada primeiro no fluxo do discurso”; (2) de outro lado, esses participantes dativos são codificados na forma pronominal tônica (preferencialmente posposta ao verbo) ou átona (categoricamente anteposta ao verbo); no caso do clítico, a próclise tem se mostrado como a regra dominante no português falado, assim a forma condiciona a posição. Já os referentes de terceira pessoa, que compartilham as formas de SN e de pronome, quando assumem esta última o fazem apenas na forma de pronome tônico (para ele), pois o clítico de terceira pessoa (o, a) é praticamente inexistente no português falado; ocorre assim uma restrição de caráter formal. Por outro lado, os participantes em terceira pessoa são menos importantes no sentido de retomadas catafóricas, portanto menos sujeitos à topicalização; ocorre nesse caso uma restrição de caráter funcional.

Outras evidências de pressões formais são encontradas em construções fortemente integradas de verbo e OD, do tipo ‘dar um beijo’, ou em construções com OD oracional; no primeiro caso, como restrição à promoção do OI, no segundo, como motivação à promoção.

Como evidências de pressões funcionais, temos o status informacional novo (ou não velho) associado ao OD e à primeira posição pós-verbal, como resultante da atuação do parâmetro de acessibilidade referencial, no sentido de que o menos previsível ocupa a posição mais tópica.

Vemos, então, duas forças interagindo numa competição entre função vs. forma.

Na perspectiva funcionalista aqui assumida, de que há um percurso que vai do discurso para a sintaxe, pode-se aventar a hipótese de que futuramente a forma acabe determinando a ordenação dos constituintes nas construções bi-transitivas em português.

Acreditamos que esta pesquisa tenha evidenciado a pertinência de se investigar fenômenos gramaticais situando-os na interface sintaxe/discurso.

Chamamos a atenção para algumas limitações da pesquisa. Muito embora tenhamos sido rígidos ao estabelecermos os parâmetros para quantificar a distância referencial (elementos anafóricos) e a importância temática (elementos catafóricos), sentimos a necessidade de requintar as possibilidades de busca do referente, como por exemplo (a) se o referente em análise aparece na mesma função sintática daquele que já apareceu (expresso ou apagado); (b) se o referente aparece na mesma posição tópica (expresso ou apagado); (c) se o referente aparece como proeminente ou âncora. Tais procedimentos, talvez, possam ajudar a capturar de forma mais precisa o objeto da investigação.

Outras restrições estão vinculadas à natureza do recorte realizado e que podem ser explicitadas em termos de desdobramento da pesquisa. Nos permitimos, portanto, fazer algumas sugestões. (1) Olhamos apenas para os dois argumentos que são objetos do verbo, sugerimos, a exemplo do que fizeram Dubois e Ashby & Bentivoglio, um levantamento dos argumentos sujeito e objeto. (2) Nosso *corpus* compõe-se de 16 entrevistas de informantes de Florianópolis. São dados de língua falada. Além de aumentar o número de entrevistas rastreadas e diversificar as cidades, poderia-se fazer um levantamento em *corpus* de língua escrita. (3) Restringimo-nos a observar o comportamento de construções bi-transitivas cujo OI caracteriza-se como receptor beneficiário/malefício da ação e mais animado. Poderia-

se fazer uma busca mais apurada de outros tipos de construções bi-transitivas como as locativas, consideradas por Givón as representantes prototípicas desse tipo de construção.

(4) Entre os dados coletados, encontramos construções com objeto dativo duplo como “não que você me tivesse trazido o problema pra mim”(FLP 04, L 1133), as quais foram excluídas da análise. Esse tipo de construção, talvez, possa estar traduzindo um indício de conflito entre função e forma. Além dessas opções, (5) poderíamos desenvolver um estudo mais detalhado sobre a escolha que o falante faz entre o uso do clítico e do pronome tônico levando em consideração os aspectos saliência e contraste. Enfim, como consideramos que todas as pesquisas são investigações em constante andamento, acreditamos que nosso trabalho abre vários caminhos para novas investidas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHBY, William J. & BENTIVOGLIO, Paola (1993) "Preferred argument structure in spoken French and Spanish". *Language variation and change*. 5 (1): 61-76.
- BENTIVOGLIO, Paola (1987) "A variação nos estudos sintáticos". In: *Estudos lingüísticos XIV*. Anais de seminários do GEL. Campinas, UNICAMP.
- CHAFE, W. (1976) "Giviness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view". In: C. LI (ed.) *Subject and topic*. New York, Academic Press.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: KATO, Mary A. & ROBERTS, Ian. (Org.) (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- _____. (1996) "O objeto nulo do português brasileiro". In: DELTA, 12: 221-238.
- DUBOIS, J. (1973). "Dicionário de lingüística", São Paulõ, Cultrix.
- DUBOIS, J. (1984) "Competing motivations". In: *Iconicity in Syntax*, ed. Haiman. Typological Studies in Language, vol VI, Amsterdam, Benjamins, p. 229-41.
- _____. (1987) "The discourse basis of ergativity". *Language*, v.63, nº 4.
- ERTESCHIK-SHIR, Nomi. (1979) "Discourse constraints on dative movement". In: Givón, T. (ed.) *Syntax and Semantics*, vol. XII. New York, Academic Press.
- GIVÓN, Talmy. (1984) *Syntax: a functional-typological introduction*, vol. I. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins.

- _____. (1987) *Beyond foreground and background*. In: TOMLIN, Russell S. (ed.) *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam, John Benjamins. Series Typological Studies in Language, vol. XI, p.175-88.
- _____. (1988) "The pragmatics of word-order: predictability, importance and attention". In: HAMMOND, Michael; MORAVCSIK, Edith A. & WIRTH, Jessica R. (eds.) *Studies in syntactic typology*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Publishing Company. p. 244-84.
- _____. (1990) *Markedness in grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure*. Technical Report 90-8. University of Oregon.
- _____. (1990) *Syntax: a functional-typological introduction*, vol. II. Amsterdam, John Benjamins.
- _____. (1991a) *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon
- _____. (1991b) "Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations". In: *Studies in Language*. Amsterdam, John Benjamins, p. 85-114.
- _____. (1993) *English Grammar: a function-based introduction*, vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins.
- _____. (1995) *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins.
- GORSKI, Edair. (1986) *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado.
- _____. (1994) *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado.

- HALLIDAY, M.A.K. (1985). *An introduction to functional grammar*. London, E. Arnold.
- HOPPER, P. (1979) "Aspect and foregrounding in discourse". In: Givón, T.(ed.) *Syntax and Semantics 12: discourse and syntax*. New York, academic Press.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. (1980) *Transitivity in Grammar and Discourse*. In: Language.
- KNIES, Clarice & COSTA, Iara B. (1995) *Manual do Usuário*. Banco de Dados Lingüísticos VARSUL. Mimeo.
- LABOV, William. (1972) *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- MOLLICA, Maria Cecília. (org.) (1992) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- _____. "Influência de fatores de processamento na variação em português". In: TARALLO, Fernando (Org.) (1989) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- NUNES, Jairo M. "Direção de clitização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: KATO, Mary A. & ROBERTS, Ian. (Org.) (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- PAGOTTO, Emílio. "Clíticos, mudança e seleção natural". In: KATO, Mary A. & ROBERTS, Ian. (Org.) (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Programs*. Mimeo.

- PRINCE, Ellen. (1981) "Toward a taxonomy of given-new information". In COLE, P. (ed.) *Radical pragmatics*. New York, Academic Press.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (1992) *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro. Mimeo.
- SILVEIRA, Elizabete S. da (1990) *Relevância em narrativas orais*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado.
- SLOBIN, D. (1982) "The origins of gramatical incoding of events". In: P. Hopper & Sandra Thompson (ed.)
- TARALLO, Fernando. (1986) *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática.
- _____(Org.) (1989) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP.
- THOMPSON, Sandra A. (1988) *Information flow and 'Dative Shift' in English Discourse*. Santa Barbara, University of California.
- VANDRESEN, Paulino & VOTRE, Sebastião. (org.) (1991) *Cadernos de pesquisa no Projeto VARSUL*. Caderno 1, Florianópolis, UFSC.
- VASCONCELOS, Heloisa Rotolo de. (1993) *Estratégias discursivas de orientação do tópico*. Florianópolis, UFSC. Dissertação de mestrado.
- VOTRE, Sebastião. (1992) *Lingüística funcional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras.
- ZILLES, Ana Maria Sthal. (1992) *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Porto Alegre, PUC/RS. Tese de doutorado.